

ELIANE  
BRUM

A VIDA QUE NINGUÉM VÊ



VENCEDOR DO PRÊMIO JABUTI 2007  
MELHOR LIVRO-REPORTAGEM



49º  
PRÊMIO  
JABUTI  
2007



ARQUIPÉLAGO  
EDITORIAL

ELIANE  
BRUM

A VIDA QUE NINGUÉM VÊ



VENCEDOR DO PRÊMIO JABUTI 2007  
MELHOR LIVRO-REPORTAGEM



## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



ELIANE BRUM

A vida que ninguém vê

Prefácio  
Marcelo Rech

Posfácio  
Ricardo Kotscho

Porto Alegre - 2012

© by Eliane Brum, 2006

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Capa e projeto gráfico:*  
Paola Manica

*Revisão:*  
Rodrigo Breunig

*Versão ebook:*  
Cristiano J. Ferrazzo

Todos os direitos desta edição reservados a

ARQUIPÉLAGO EDITORIAL LTDA  
Avenida Getúlio Vargas, 901/1604  
CEP 90150-003  
Porto Alegre - RS  
Telefone 51 3012-6975  
[www.arquipelagoeditorial.com.br](http://www.arquipelagoeditorial.com.br)

*Para Máira,*

*a coisa mais linda que eu vi*

## Prefácio

### *A vida que ninguém vê como eu a vi*

Eu não faria um convite daqueles a qualquer um. Eliane Brum já era uma repórter consagrada, um dos melhores textos brotados em quatro décadas de Zero Hora, quando a convoquei a minha sala numa tarde de fins de 1998 para lançar o desafio a uma jornalista que ansiava por desafios todos os dias.

– Eliane, que tal extrair crônicas reais de pessoas comuns e situações corriqueiras? – propus, eu próprio um ansioso diretor de redação em busca de inovações e inovadores para marcar a história do jornalismo brasileiro.

A ideia estava ancorada na convicção de que tudo – até uma gota de água – pode virar uma grande reportagem na mão de um grande repórter. A questão era achar alguém com os sentidos à flor da pele para dar forma a um misto de crônica, reportagem e coluna.

Não foi preciso procurar mais. Eliane não só capturou a ideia de escrever uma série de reportagens sobre personagens e cenas corriqueiras em forma de crônicas da vida real: ela a moldou a seu talento exuberante e a transformou numa extraordinária coletânea de 46 colunas que por quase 11 meses vitamínaram a edição de sábado do principal jornal do país fora do eixo Rio-São Paulo.

Celebradas pelo Prêmio Esso de Jornalismo – Regional Sul de 1999, Eliane e suas *A vida que ninguém vê* foram como o encontro do cálice com o vinho. Fenômeno de percepção jornalística, Eliane iluminou um mundo recluso, obscurecido pela emergência da notícia ou pela máxima de que, em jornalismo, a história só existe quando o homem é quem morde o cachorro. A série provou o contrário. Ao extrair reportagens antológicas de onde outros só enxergariam a mesmice, Eliane deu a zés e marias do sul do Brasil a envergadura de personagens de literatura tolstoiana e reverteu um dos mais arraigados dogmas da imprensa. Um dia, quem sabe, algum desses acadêmicos da comunicação que se debruçam sobre aquelas teses herméticas deslocadas da vida real das redações também encare a tarefa de trazer à luz como Eliane traçou uma parte da história do jornalismo brasileiro ao escrever notáveis reportagens (ou seriam crônicas?) extirpadas das ruas anônimas.

O talento de Eliane, de fato, merece uma investigação científica. Sabe-se que, no caminho até sua página de sábado, a jovem repórter (ou seria colunista?) defrontava-se com três momentos decisivos. No primeiro, talvez o mais crítico por requerer um exercício de precisa inspiração e sensibilidade, recrutava seu tema e definia seu personagem – o vinho raro à espera de ser descoberto e degustado. Em seguida, vinha a tarefa mais espinhosa para muitos jornalistas e seus entrevistados, mas provavelmente o momento mais natural para quem conhece Eliane: deixar-se devassar diante da repórter de voz suave, olhar terno e sensibilidade extrassensorial.

Sim, aqui se revela um dos segredos de Eliane para compilar suas histórias:

a empatia enigmática que ela estabelece com suas fontes. Não são modos e gestos afetados, não são truques impessoais para relaxar o entrevistado. Eliane é assim, confiável e profissional ao mesmo tempo. Olhos, ouvidos e, principalmente, coração aberto diante da informação em estado bruto. Era graças a esta combinação rara que a vida de quem milhares iriam conhecer no sábado seguinte rasgava-se diante do bloco de anotações da repórter.

A última etapa da página guardava a tarefa mais simples para Eliane – escrever magistralmente – e a mais tenebrosa das missões: conter seu próprio ímpeto de narrar além, de percorrer escaninhos da vida dos entrevistados que as limitações de espaço de um jornal não conseguiriam jamais conter. Em permanente ebulição jornalística, Eliane vivia no fechamento da coluna o drama de enquadrar em somente uma página o retalho de vida que para outros repórteres não valeria uma nota.

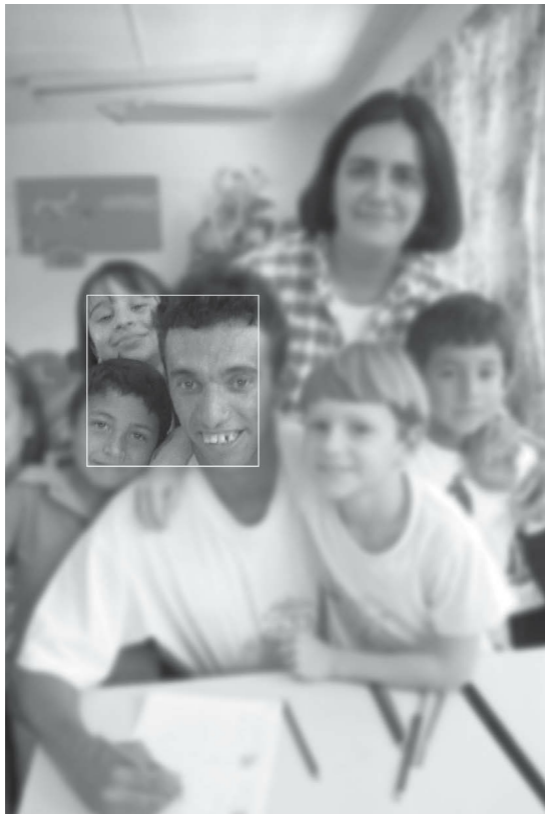
Foi com tal talento sensitivo, somado à característica própria dos grandes jornalistas capazes de identificar lados inesperados de situações esperadas, que, já em 1993, Eliane havia ensaiado sua vida que ninguém vê numa histórica série de reportagens sobre a Coluna Prestes – ou melhor, sobre a Coluna Prestes que ninguém via. Ao percorrer 25 mil quilômetros empoeirados do Brasil, Eliane nutriu suas anotações com a matéria-prima das melhores reportagens: a gente comum. Das testemunhas anciãs da passagem da Coluna, a quem passou chamar de “o povo do caminho”, obteve o mais surpreendente e fiel relato sobre a marcha de homens que a parte do país com voz – 70 anos depois – considerava heroica mas que, na verdade da repórter, se delineava também como uma procissão de roubos e atrocidades. Ao contrapor seu “povo do caminho” à história oficial da esquerda, Eliane despertou a ira de quem erguia mitos com pés de barro, mas fez deitar em paz o maior patrimônio de um jornalista: sua própria consciência.

Quando Eliane ouviu o canto da sereia da imprensa paulista e deixou Zero Hora, *A vida que ninguém vê* achou-se repentinamente órfã. Não havia como substituí-la. Até – é preciso confessar – sondei possíveis candidatos a embalar a coluna, mas, sabiamente, todos declinaram da hipótese de serem comparados aos textos de Eliane Brum.

Com sua personalidade única, *A vida que ninguém vê*, de fato, criou vida própria, singular como a oportunidade oferecida por esta coletânea a partir de agora. Boa viagem pela vida.

**Marcelo Rech**  
*Maio de 2006*





## História de um olhar

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva.

Inclui.

Esta é a história de um olhar. Um olhar que enxerga. E por enxergar, reconhece. E por reconhecer, salva.

Esta é a história do olhar de uma professora chamada Eliane Vanti e de um andarilho chamado Israel Pires.

Um olhar que nasceu na Vila Kephass. Dizem que, em grego, *kephas* significa pedra. Por isso um nome tão singular para uma vila de Novo Hamburgo. Kephass foi inventada mais de uma década atrás pedra sobre pedra. Em regime de mutirão. Eram operários da indústria naqueles tempos nada longínquos. Hoje, desempregados da indústria. Biscateiros, papeleiros. Excluídos.

Nesta Kephass cheia de presságios e de misérias vagava um rapaz de 29 anos com o nome de Israel. Porque em todo lugar, por mais cinzento, trágico e desesperançado que seja, há sempre alguém ainda mais cinzento, trágico e desesperançado. Há sempre alguém para ser chutado por expressar a imagem-síntese, renegada e assustadora, do grupo. Israel, para a Vila Kephass, era esse ícone. O enjeitado da vila enjeitada. A imagem indesejada no espelho.

Imundo, meio abilolado, malcheiroso, Israel vivia atirado num canto ou noutro da vila. Filho de pai pedreiro e de mãe morta, vivendo em uma casa cheia de fome com a madrastra e uma irmã doente. Desregulado das ideias, segundo o senso comum. Nascido prematuro, mas sem dinheiro para diagnóstico. Escorraçado como um cão, torturado pelos garotos maus. Amarrado, quase violado. Israel era cuspidor. Era apedrejado. Israel era a escória da escória.

Um dia Israel se aproximou de um menino. De nove anos, chamado Lucas. Olhos de amêndoa, rosto de esconderijo. Bom de bola. Bom de rua. De tanto gostar do menino que lhe sorriu, Israel o seguiu até a escola. Até a porta onde Lucas desaparecia todas as tardes, tragado sabe-se lá por qual magia. Até a porta onde as crianças recebiam cucas e leite. Israel chegou até lá por fome. De comida, de afago, de lápis de cor. Fome de olhar.

Aconteceu neste inverno. Eliane, a professora, descobriu Israel. Desajeitado, envergonhado, quase desaparecido dentro dele mesmo. Um vulto, um espectro na porta da escola. Com um sorriso inocente e uns olhos de vira-lata pidão, dando a cara para bater porque nunca foi capaz de escondê-la.

Eliane viu Israel. E Israel se viu refletido no olhar de Eliane. E o que se passou naquele olhar é um milagre de gente. Israel descobriu um outro Israel navegando nas pupilas da professora. Terno, especial, até meio garboso. Israel descobriu nos olhos da professora que era um homem, não um escombros.

Capturado por essa irresistível imagem de si mesmo, Israel perseguiu o olho de espelho da professora. A cada dia dava um passo para dentro do olhar. E, quando perceberam, Israel estava no interior da escola. E, quando viram, Israel

estava na janela da sala de aula da 2ª série C. Com meio corpo para dentro do olhar da professora.

Uma cena e tanto. Israel na janela, espiando para dentro. Cantando no lado de fora, desenhando com os olhos. Quando o chamavam, fugia correndo. Escondia-se atrás dos prédios. Mas devagar, como bicho acuado, que de tanto apanhar ficou ressabiado, foi pegando primeiro um lápis, depois um afago. E, num dia de agosto, Israel completou a subversão. Cruzou a porta e pintou bonecos de papel. Israel estava todo dentro do olhar da professora.

E o olhar começou a se espalhar, se expandir, e engolfou toda a sala de aula. A imagem se multiplicou por 31 pares de olhos de crianças. Israel, o pária, tinha se transformado em Israel, o amigo. Ganhou roupas, ganhou pasta, ganhou lápis de cor. E, no dia seguinte, Israel chegou de banho tomado, barba feita, roupa limpa. Igualzinho ao Israel que havia avistado no olho da professora. Trazia até umas pupilas novas, enormes, em forma de facho. E um sorriso também recém-inventado. Entrou na sala onde a professora pintava no chão e ela começou a chorar. E as lágrimas da professora, tal qual um vagalhão, terminaram de lavar a imagem acoçada, ferida, flagelada de Israel.

Israel, capturado pelo olhar da professora, nunca mais o abandonou. Vive hoje nesse olhar em formato de sala de aula, cercado por 31 pares de olhos de infância que lhe contam histórias, puxam a mão e lhe ensinam palavras novas. Refletido por esses olhos, Israel passou a refletir todos eles. E a professora, que andava deprimida e de mal com a vida, descobriu-se bela, importante, nos olhos de Israel. E as crianças, que têm na escola um intervalo entre a violência e a fome, descobriram-se livres de todos os destinos traçados nos olhos de Israel.

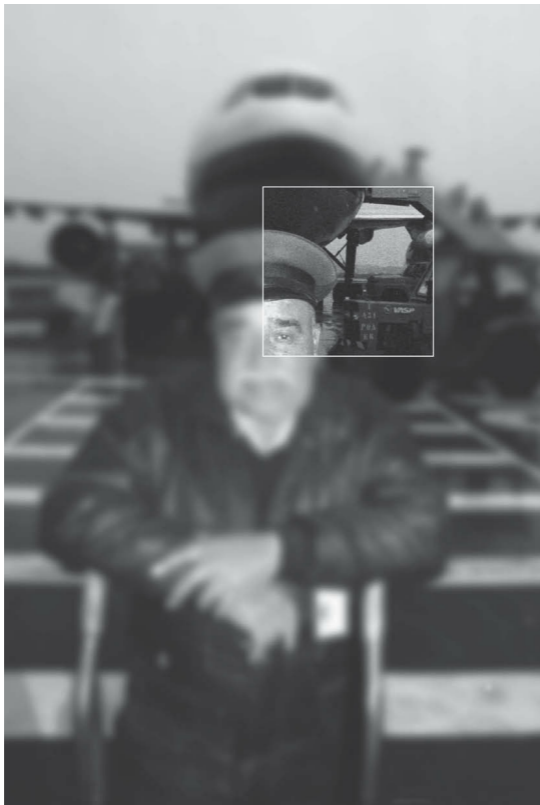
Israel, não importa se alguém não gosta de você. O que importa é que você siga a vida, aconselha Jeferson, de oito anos. Israel, não faz mal que tu sejas grande e um pouco doente, tu podes fazer tudo o que tu imaginares, promete Greice, de nove. Israel, se alguém te atirar uma pedra eu vou chamar o Vandinho, porque todo mundo tem medo do Vandinho, tranquiliza Lucas, nove. Israel, tu me botas na garupa no recreio?

E foi assim que o olhar correu pela escola e amoleceu as ruas de pedra.

Israel, depois que se descobriu no olhar da professora, ganhou o respeito da vila, a admiração do pai. Vai ganhar uma vaga oficial na escola. Já consegue escrever o “P” de professora. E ninguém mais lhe atira pedras. A professora, depois que se descobriu no olhar de Israel, ri sozinha e chora à toa. Parou de reclamar da vida e as aulas viraram uma cantoria. A redenção de Israel foi a revolução da professora.

Em 7 de Setembro, Israel desfilou. Pintado de verde-amarelo, aplaudido de pé pela Vila Pedra.

[18 de setembro de 1999]



## Adail quer voar

Ele se chama Adail José da Silva. E vive no portal do céu. Onde o Rio Grande decola para o mundo. E o mundo aterrissa no Rio Grande. Desembarcou ali, defronte ao Aeroporto Salgado Filho, 36 anos atrás. E a diferença se deu logo no início, nesse pouso atabalhado. Porque chegou num ônibus de molas cansadas, emerso da serra gaúcha, onde tinha as mãos manchadas pelo sangue dos pinheirais. Chegou apavorado porque o único avião que vira na vida estava espatifado nas encostas de Canela, pássaro decaído que durante semanas hipnotizou uma legião de colonos que só voavam com os dois pés no chão. Chegou com a mala vermelha, de couro, meia dúzia de tarecos dentro, grudada no corpo. Estaqueou na porta do aeroporto, naquele tempo metade do que é hoje, mas já enorme para ele. E se recusou a entrar.

Os colegas o empurraram. E Adail entrou aos tropeços. Com a sua mala desajeitada, sem um bilhete de viagem. Iniciou ali, naquele alvorecer de outubro de 1963, uma jornada sem sair do chão que dura até hoje. E tornou-se o que seria para o resto de sua vida. Adail tornou-se “o negão” das bagagens. Descobriu assim a relatividade das distâncias. Porque ele, tão perto, esteve sempre tão longe. A menos de uma centena de passos das asas do avião, jamais conseguiu alcançá-las.

Restou a Adail amar os perfis alados de seu destino à distância. Ele, que desde o primeiro dia jamais encontrou explicação para o voo de tal estardalhaço. Tanto ferro, tanta gente, tanta mala. Como é possível, virgem nossa? Enchendo a barriga dos pássaros de aço, Adail viu o mundo passar por ele num vaivém assustador. E desejou ser a bagagem que empanturra o avião. Viu todos os presidentes, de Jango a FHC. Viu Pelé, viu Roberto Carlos, envelheceu com Tônia Carrero, carregando a mala daquela que para ele ainda hoje é a mulher mais bela do Brasil.

Adail viu o mundo e o mundo nem sempre viu Adail. Mudou o mundo e mudou Adail. Mas nem o mundo nem Adail mudaram o suficiente para encolher a distância entre o carregador e o avião. Porque, aos 62 anos, Adail segue sendo o que o doutor grita lá da porta do desembarque: “Ô, negão”. E o mundo segue sendo do doutor. Mas Adail, ah Adail, Adail não desistiu de voar.

\* \* \*

- O senhor não queria entrar no aeroporto. Por quê?
- **Achava que não era serviço de homem. Passei mais de ano me escondendo no aeroporto. Aí me acostumei e virei vagabundo.**
  
- Vale a pena viver perto dos aviões?
- **Fiz casa que não é boa mas é minha, criei três filhos... Tudo na base da aviação. Pra mim, a aviação caiu do céu!**

– O que é chato nessa vida?

– Me chateia quando aquele povo exibido que vai pros Estados Unidos desembarca falando mal do Brasil. Aí é lacaio, né. Porque eu não conheço outros lugares, mas sei que não tem país melhor que o Brasil. Não conheço, mas ouço tudo o que falam no aeroporto. Os Estados Unidos podem ser cheio das democracia, mas vai ver como tratam os negão lá, vai ver.

– E como os fregueses o chamam?

– Os doutor me chamam assim, ó: “Ô, Negão!” Eu acho até que é carinhoso.

– O senhor chama eles de doutor?

– Pra mim todo mundo é doutor. Pisou no aeroporto é doutor. É ó, doutor, como vai, doutor, é pra já, doutor...

– É esse o segredo do serviço?

– Tem que ter humildade. Não adianta ser arrogante. Porque se eu fosse um cara importante não ia tá carregando a mala dos outros, né? Sou pé de chinelo. Então, tenho que me botar no meu lugar.

– Qual o lugar mais longe que foi na vida?

– Criciúma (em Santa Catarina). O vizinho me levou pra comprar roupa. Cheguei ali na divisa e disse: “Bah, sai fora do Brasil!”

– O que acha mais bonito no avião?

– A decolagem. Sempre que eu posso subo lá em cima e dô uma espiada. Até hoje não achei explicação. Parece que não vai sair do chão, aí levanta e fica parecendo um passarinho. Um urubu.

– O senhor quer voar?

– É o meu sonho. Mas perdi a esperança. Pobre não voa.

– Queria voar para onde?

– Pra Aparecida, pagar uma promessa. Faz 15 anos que prometi que ia até lá se Nossa Senhora curasse a minha perna. Q uase nem caminhava mais. Ela curou. Eu tentei ir com a minha senhora, Maria Cedir, mas nem de ônibus dá o dinheiro.

– O que o senhor prometeu para a santa?

– Tenho que botar uma meia minha lá no altar.

– E como o senhor acha que é voar?

– Deve ser uma alegria. Eu vejo aquele mundaréu de gente tudo alegre. Só pode ser bom esse tal de avião!

– Como o senhor imagina?

– Nem sei como é que a gente tem que se portar dentro de um monstro daqueles. Sabe me dizer se eles encaminham a gente até o lugar?

– Me conta como é o seu sonho...

– Eu queria ir num DC-10, o maiorzão de todos. E na poderosa, a Varig. Eu ia mandar lavar um terno velho que eu tenho e ia sentar na primeira classe. Com tudo que tenho direito. Lá onde não tem fila, só finório. E fazer como os doutor. Chegar e dizer (empina o queixo, emposta a voz e imita): “Primeira classe”.

– E depois?

– Ia sentar que nem um tubarão. E fumar um bom de um charuto. Depois ia apontar pra aeromoça. Aquele uisquezinho importado ali. Aí já tava realizado. Não faltava mais nada na minha vida.

– E o que ia comer?

– Comer? Tem que comer? Acho que não ia comer. Tô acostumado com o feijão e arroz lá de casa. Mas, se desse para pedir qualquer coisa, aí eu ia pedir um camarãozinho.

– O senhor gosta de camarão?

– Eu nunca comi. Quer saber como é.

– E quando voltasse?

– Ia chegar lá na minha terra e dizer pros parentes: “Andei de avião”.

– E com que mala iria viajar?

– Sabe que não tenho mala? Pra andar de avião eu ia comprar uma daquelas com rodinhas. Acho muito bacanas.

– E quem ia carregar para o senhor?

– Ah, o Alemão. Ele é muito arrogante. Eu ia dar dez pilas e mandar ele carregar a mala do negão.

– E como será o dia em que o senhor voar?

– O dia em que o pessoal do aeroporto vai dizer: “Lá vem o doutor Adail”!  
E, pelo menos nesse dia, o doutor sou eu.

[12 de junho de 1999]





## Enterro de pobre

Não há nada mais triste do que enterro de pobre. Porque o pobre começa a ser enterrado em vida. Quem diz é Antonio, um homem esculpido pelo barro de uma humildade mais antiga do que ele. Um homem que tem vergonha até de falar e, quando fala, teme falar alto demais. E quando levanta os olhos, tem medo de ofender o rosto do patrão apenas pela ousadia de erguê-los. Quem diz é Antonio Antunes. Ele acabara de sepultar o caixão do filho cujo rosto desconhece. O bebê de 960 gramas que morreu ainda no ventre da mãe. Antonio quis espiar a face do filho por um momento, mas a funcionária que foi buscar a criança na geladeira não deixou. Antonio tinha comprado uma roupinha de sete reais no centro de Porto Alegre para que o filho não fosse sepultado nu como um rebento de bicho. Mas não pôde vesti-lo. Restou a Antonio o caixãozinho branco que ninou nos braços até a cova número 2026 do Campo Santo do Cemitério da Santa Casa.

Quando a terra cobriu a cova rasa do filho, o pai soube que seu coração permaneceria insepulto. Porque Antonio Antunes descobriu naquele momento que uma cova rasa em um caixão doado, semeado em um cemitério de lomba, seria o destino dele, dos filhos que sobreviveram e dos netos que ainda estão por vir. Como foi a sina dos seus pais e dos seus avós antes dele. E foi ao alcançar o sopé do Campo Santo, depois de enterrar o filho sem nome, que Antonio pronunciou a sentença com a cabeça baixa e a chama dos olhos extinta pelas lágrimas. E por um rosário de sofrimentos que é muito capaz de ter começado ainda antes da descoberta do Brasil. Antonio Antunes disse:

– Esse é o caminho do pobre.

E disse com tal dor, com tal desesperança, que a frase açoitou o cemitério da pobreza. Porque uma frase só existe quando é a extensão em letras da alma de quem a diz. É a soma das palavras e da tragédia que contém. Se não for assim, é só uma falsidade de vogais e de consoantes, um desperdício de som e de espaço. E foi com tal dor que Antonio a pronunciou que até o sabiá que cantava do outro lado do muro silenciou, como se adivinhasse que a frase de morte era a vida de um homem.

Esse texto poderia acabar aqui, porque tudo já estaria dito. Mas às vezes é preciso contar uma história de mais de um jeito para que seja entendida por inteiro.

Não há nada mais triste do que enterro de pobre porque não há nada pior do que morrer de favor. Não há nada mais brutal do que não ter de seu nem o espaço da morte. Depois de uma vida sem lugar, não ter lugar para morrer. Depois de uma vida sem posse, não possuir nem os sete palmos de chão da morte. A tragédia suprema do pobre é que nem com a morte escapa da vida.

Foi isso que Antonio Antunes, o abatedor de árvores, compreendeu. E foi isso que terminou de arrebatá-lo. Porque era só o começo e porque não tinha fim. Apenas repetição. Porque homens como Antonio nascem e morrem do mesmo jeito. E, nesse sentido, o bebê que não viveu apenas economizou tempo, adiciando do hiato entre todas as formas de morte reservadas a ele na vida.

Para entender o fim, é preciso compreender o início. Antonio deixou o

cemitério sem dinheiro para o ônibus da volta. Como não tinha para o da ida. Conduzido pela cunhada que o hospedava na capital, porque Antonio veio de uma cidade da região carvoeira. Ele descascava eucalipto numa sexta-feira quando a mulher sentiu a queimadura do sangue escorrendo pelas pernas. Ela velava pela saúde da filha de seis anos, uma meninazinha que jamais caminhou, quando avisou a moça do hospital do que se passava no ventre. Foi despachada para casa, com a explicação de que não era nada.

O sábado mal tinha nascido quando Antonio carregou a mulher de volta à casa da saúde. No final da manhã, quando pouco tinha sido feito, Antonio venceu sua humildade atávica e ameaçou chamar a polícia. Então exportaram os dois a Porto Alegre, onde chegaram tarde demais. Salvaram a mãe, o bebê estava morto. Desde quando, não se sabe. No domingo, o filho de cinco anos, que como a irmã nunca caminhou, desembarcou da ambulância para a UTI de um hospital da capital. Descobria-se que estava com pneumonia quando há dias era tratado para outra coisa. E lá continua até hoje, com o pai duelando no saguão contra a morte.

A segunda-feira mal havia nascido quando Antonio foi cuidar do enterro de um, despistando a morte que já rondava o outro. Passou a segunda-feira entre o hospital e o cartório, mais de uma viagem de ida e mais de uma de volta, porque no hospital esqueceram o carimbo e a assinatura do médico para o atestado de óbito. E tudo isso quilômetros a pé, porque dinheiro para a passagem não tinha. E tudo isso de estômago vazio, porque dinheiro para o almoço não tinha. E tudo isso com a cunhada que há 15 dias perdera seu próprio bebê nascido morto. Com a cunhada que há 15 dias já tinha sepultado seu próprio filho no mesmo Campo Santo. E entre a segunda e a terça-feira, apenas uma refeição de arroz com repolho.

Nada se encerrou para Antonio Antunes quando chegou ao sopé do morro do cemitério e pronunciou a frase de sua vida. Acabara de sepultar o filho que dificilmente morreria se o pai não fosse pobre. Em um caixão doado, numa cova emprestada, no campo de lomba do único cemitério que acolhe pobre em toda a capital do estado. E que só por isso já merece a gratidão eterna de todos os Antonios.

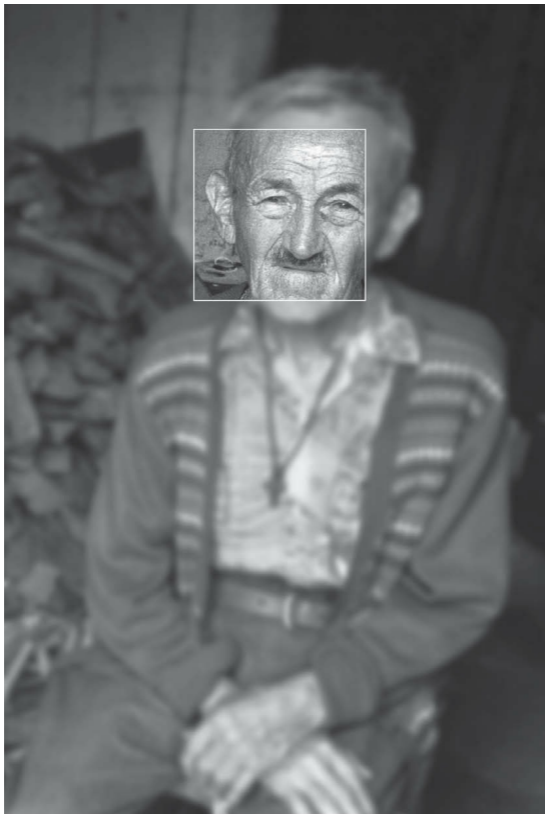
Nada se encerrou para Antonio porque ele sabe que em breve estará de volta. E será tudo como foi. Como sempre foi, na morte como na vida. Deixa para trás o filho sem nome, sepultado numa cova rasa, sem padre e sem flor. Porque a cova de pobre tem menos de sete palmos, que é para facilitar o despejo do corpo quando vencer os três anos do prazo. Então é preciso dar lugar a outro pequeno filho de pobre por mais três anos. E assim sucessivamente há 500 anos.

Debaixo de cada uma das mais de duas mil cruzeiras semeadas na terra fofa do Campo Santo há uma sina como a de Antonio. Para entender o resto da história que ainda virá é preciso conhecer o que é a morte do pobre. É necessário compreender que a maior diferença entre a morte do pobre e a do rico não é a solidão de um e a multidão do outro, a ausência de flores de um e o fausto do outro, a madeira ordinária do caixão de um e o cedro do outro. Não é nem pela ligeireza de um e a lerdeza do outro.

A diferença maior é que o enterro de pobre é triste menos pela morte e

mais pela vida.

[26 de junho de 1999]



## Um certo Geppe Coppini

Vocês acham que Geppe Coppini é louco?

– Pois eu digo. Geppe Coppini é o maior vivaldino que Anta Gorda já criou.

Seu Demétrio Zuffo abre bem os braços, olha para os rostos estupefatos de seus interlocutores e dá seu parecer. Todos em Anta Gorda têm algo a dizer sobre Geppe Coppini. Todos. Geppe está para o município do Vale do Taquari como a unha para a carne, a pétala para o miolo, a corda para a forca. Sim, ele. Um certo Geppe Coppini.

Vou contar, então, a história desse tal de Geppe. E quando eu terminar me digam vocês quem é, afinal, Geppe Coppini.

Geppe é o mendigo, dizem. O único mendigo de Anta Gorda. Mas não um mendigo qualquer. Inclusive, pairam dúvidas sobre o fato de Geppe ser ou não ser um mendigo. Mendiga era Riqueta, a bela Riqueta, tão bela que poderia ter sido Miss Anta Gorda. Riqueta que se enamorou de um tal doutor Brandão, o jovem médico da cidade, e enlouqueceu de amor. Voltou de uma sessão de feitiços em Porto Alegre doída de atar. E desde então perambulou pelo município seguida por um cortejo de cuscos. Numa madrugada, daquelas madrugadas que só existem naquele vale, com as estrelas escorregando pelos telhados, o barraco de Riqueta incendiou-se. Os ossos encontrados pertenciam a seus cães. E até hoje a cidade vive dobrada por esse mistério. Vive com esse ponto de interrogação pendurado, como diz novamente seu Zuffo.

Geppe Coppini não. Geppe Coppini é uma incógnita porque nunca pediu nada. Não há ninguém, em toda a Anta Gorda, que possa afirmar que Geppe tenha pedido alguma coisa. O que seria Geppe então? Dizem que um bambino como todos os outros da Linha Terceira Moresco, nascido Josephino Coppini em 11 de novembro de 1908. Pois até os dez anos, Geppe era apenas um gurizote de calças curtas e pernas finas. Foi quando uma cigana de lábios de cicuta apareceu naquela fatia importada da Itália. Todas as ciganas são ameaçadoras para os descendentes de italianos, que vislumbram no rodopio de suas saias a depravação da ordem do mundo. Dizem até, *madonna mia*, que nem calcinhas usam. Pois essa, específica, rogou uma praga para o menino Geppe, depois que seus pais a expulsaram de suas terras. “Enquanto viver, esse guri nunca mais terá bem.” Foi o que a mulher pronunciou com uma força de lei, os olhos de gato faiscando.

E desde então Geppe mudou. Passou a alisar o tronco das árvores com as mãos por horas a fio. E, ao contrário da tropa de irmãos, decidiu que não trabalharia. Louco, louco. O menino está variado, foi o que o povo disse. Foi despachado para sanatórios na capital. Fugia e voltava a pé para o vale, um passo atrás do outro com seus tamancos de madeira, uma parada aqui e acolá para acariciar uma árvore conhecida. E a cidade, resignada, foi se acostumando a Geppe Coppini.

Por quase todo esse século, Geppe peregrinou pelas hortas e pelos pomares vivendo de verduras, frutas e legumes. Dormiu no paiol das casas, aconchegado ao ventre das vacas. Pelo menos fecha a porta, gritou certa feita à dona Rosa Tremea, que escancarava o seu paiol para tirar o leite da malhada,

sobressaltando os estranhos sonhos de Geppe. Por último, carregou seus sustos para o porão da casa de dona Nineta Contini, que o herdou da mãe, a primeira a arrumar um canto da casa para Geppe, o variado.

Por quase todo esse século, Geppe não perdeu um casamento, um enterro, uma comemoração de santo. Depois que o vídeo desembarcou em Anta Gorda para registrar as festas, Geppe aparece em todas as fitas. Ocupa o primeiro banco na igreja e, quando chega a hora, tira do bolso um *fiorin*. Solene, o deposita na cestinha da oferenda.

Quando passou dos 60 anos, um cidadão conseguiu uma aposentadoria para ele. Geppe tem até carteira de trabalho. Orgulhosamente em branco. Folha por folha. Essa foi a primeira vez que algo realmente assombrou Geppe. O governo. E desde então ele passou a repetir, em vêneto:

– Il goerno lé stupido! Gó mai laorato in tutta la vita e ancora i me paga!  
(Tradução: “O governo é um estúpido! Nunca trabalhei na minha vida e ainda assim me paga!”)

Tempos depois, Geppe avistou um avião no céu. E logo compreendeu. Só podia ser o governo. De olho nele, Geppe. Passou um avião quando ajudava a cortar lenha na Linha Moresco. Em seguida, passou o segundo. Geppe atirou o machado longe e saiu batido. Antes, avisou:

– Se quiser cortar lenha, corta. Eu me vou porque se o governo me descobre trabalhando me corta o soldo!

Fazer Geppe Coppini de bobo tem sido um desafio para muitos antagordenses. Mais fácil os galos latirem. Geppe lia o jornal de cabeça para baixo enquanto tomava um cálice de vinho no bar – cheio, porque como ele diz, nhanca il diávolò vuole mezo. (“Nem o diabo quer só a metade.”)

Geppe, lendo o jornal invertido?

– No correto qualquer bobo sabe ler – foi a resposta lacônica.

Geppe jamais paga a passagem de ônibus para Encantado. Ele simplesmente diz:

– Se eu não for, o ônibus vai deixar de ir? Então, não preciso pagar.

Geppe costuma tomar sol na praça, olhando inconformado para a estátua da anta, duas toneladas e meia de banhas de concreto que um prefeito teve a iluminação de instalar no dito logradouro. Parece um boi, comenta Geppe com os botões de seu casaco de lã.

Geppe, pegando um sol? – arrisca um aventureiro.

– O sol está muito longe para pegar – responde ele, atônito com tão descabida pergunta.

Assim é Geppe Coppini. Que até hoje não encontrou sentido numa coisa além do governo: o banho. Água apenas para beber, e só quando falta o vinho. Ou o refrigerante. Ele adora. Vamos tomar um banho, Geppe?

– Domani, domani.

De tempos em tempos, a cidade entende que é hora de tomar uma atitude. Então, Algeri Toldo, o dono do hotel e administrador da aposentadoria de Geppe, se prepara para a empreitada. Dizem que vai de mangueira e rodo, e que Geppe sai dessas refregas branquinho, branquinho. Mas Toldo jura que apenas instala Geppe debaixo do chuveiro e fica de guarda.

Quem é Geppe Coppini? Vocês decidem.

Enquanto isso, aos 90 anos, acomodado no vale cheiroso, entre tomates e repolhos, Geppe Coppini dá a sua inconfundível risadinha sem dentes. A sua risadinha em capítulos.

– Ah, ah, ah.

**[27 de fevereiro de 1999]**





## O colecionador das almas sobradas

A Bagé, em Porto Alegre, seria uma rua igual a todas as outras do bairro Petrópolis. Seria, não fosse o número 81. Ele é o pedaço de caos na ordem cósmica da Bagé. O triângulo no meio da fileira de quadrados. O protesto bruto à sociedade de consumo, descartável e implacável. O número 81 da rua Bagé é a toca de um homem pequeno, não mais de metro e meio de altura, mirrado como um suspiro. É a toca de Oscar Kulemkamp. Lá dentro, há fragmentos de uma Porto Alegre inteira.

Ninguém sabe dizer quando foi que Oscar Kulemkamp iniciou sua resistência. O fato é que dia após dia ele peregrina pelas ruas de Porto Alegre. Começou resgatando banquinhos amputados e lhes devolvendo as pernas. Acabou tomando para si a missão de juntar os pedaços da cidade. Vai de lixeira em lixeira, até onde alcança, recolhendo nacos de pau e de canos, ventiladores estragados, vasos quebrados, brinquedos abandonados. Tarefa árdua, porque ele é um só combatente contra um exército de 1,3 milhão de pessoas que todos os dias botam fora as sobras de suas vidas.

Oscar Kulemkamp apropriou-se dessas vidas jogadas fora. E salvou-as do aterro sanitário do esquecimento. Foi assim que o chalé de madeira onde criou os sete filhos se transformou numa toca. Retalhos de existência foram tomando conta das peças da casa. Quando o interior ficou abarrotado, começou a ocupar o quintal, o corredor, os fundos. Quando todos os espaços foram preenchidos, passou a pendurar nos galhos dos cinamomos, dos abacateiros. Depois das árvores foi a vez da calçada. O casulo de Oscar Kulemkamp não parou mais de crescer. Agora as janelas já estão cobertas de obsolescências e ele só penetra na casa esgueirando-se por um túnel de restos.

Não fosse reinventar o mundo, Oscar Kulemkamp seria dono apenas de uma vida que partiu. Como a mulher, quatro anos atrás. E uma filha, de câncer. Garçom a maior parte de seus 85 anos, as mesas que serviu já não existem. São nomes do passado, quase pó, como o Restaurante Sherazade. Histórias não mais contadas, ruas que já se foram, personagens que só povoam os cemitérios.

Ele emerge de seu túnel sem tempo como uma toupeira miúda. Veste roupas pobres, puidas e encardidas pela poeira dos dias. Está mais surdo do que porta de igreja, como ele diz. E não fosse recolher restos de existências alheias, teria somente os dois filhos que compartilham de sua caverna – um que vive nas trevas e jamais sai de casa, outro que às vezes o ameaça de morte. Os quatro filhos que casaram e não compreendem a sua obsessão. E os dois gatos que travam infundáveis batalhas com o esquadrão de ratos que persegue o rastro do antigo habitante da Bagé.

Oscar Kulemkamp teceu sua colcha de retalhos com a vida dos outros. Com o refugio da vida dos outros. Cartões que jamais foram enviados a ele. “Rezei tanto para ficar com você nesse Natal.” Manuais de objetos que nunca lhe pertenceram. “Atenção: este televisor reúne várias inovações. Para entendê-lo e aproveitar todos os seus recursos é indispensável que o primeiro passo seja ler o manual de instruções.” Encomendas que nunca fez. “Trabalhos pagos com

cheques só serão entregues após a compensação dos mesmos.” Identidades alheias, carteiras de profissões que nunca serão suas. Páginas de revistas, panfletos, santinhos. Quadro de uma família real, gravura de neve. Até mesmo um pedaço de papel escrito “Sou feliz!”. Bolas de Natal de uma árvore que não brilhou no seu dezembro.

No esconderijo de Oscar Kulemkamp, os balões murchos do aniversário de uma criança que não conheceu decoram todos os dias de sua vida. Um enfeite feito de palitos de picolé por um filho – e mais tarde abandonado pela mãe que o recebeu – foi acomodado no armário da sala. As bonecas tortas, quebradas, esbodegadas foram enfileiradas. E as meninas rejeitadas que sorriem das fotografias, penduradas como netas queridas.

Os vizinhos se assustam com aquele casulo que cresce sem parar, aquelas sombras metade árvores metade lixo que avançam sobre a rua. Uma moradora pediu providências ao Departamento Municipal de Limpeza Urbana, que carregou parte do tesouro de Oscar Kulemkamp. Tão desesperado ele ficou que mais ninguém teve coragem de ensaiar o protesto. Um vizinho compreensivo já deixou de prontidão a mangueira, para que no dia em que tudo aquilo virar chamas consiga pelo menos salvar o homem engastado em sua caverna. Então ele poderá iniciar novamente a sua jornada sem fim para salvar os pedaços da cidade.

Quando surge lá de dentro, desconfiado e sorridente, Oscar Kulemkamp já vai explicando que um dia, um dia em breve, vai levar tudo aquilo para construir uma casa na praia. Uma Pasárgada onde bonecas cansadas, fotografias de crianças que já se deixou de amar e cartões de aniversário que se foram não virem lixo. Um mundo onde nem coisas nem pessoas sejam descartáveis. Onde nada nem ninguém fique obsoleto depois de velho, quebrado ou torto. Um mundo onde todos tenham igual valor. E a nenhum seja dado uma lixeira por destino.

O número 81 da rua Bagé é o castelo de um homem que inventou um mundo sem sobras. Dando valor ao que não tinha, Oscar Kulemkamp deu valor a si mesmo. Coleccionando vidas jogadas fora, Oscar Kulemkamp salvou a sua. Talvez seja esse o mistério do número 81. E talvez por isso seja tão assustador.

[29 de maio de 1999]



## O cativo

O Zoológico de Sapucaia do Sul abrigou um dia um macaco chamado Alemão. Em um domingo de sol, Alemão conseguiu abrir o cadeado e escapou. Ele tinha o largo horizonte do mundo à sua espera. Tinha as árvores do bosque ao alcance de seus dedos. Tinha o vento sussurrando promessas em seus ouvidos. Alemão tinha tudo isso. Ele passara a vida tentando abrir aquele cadeado. Quando conseguiu, virou as costas. Em vez de mergulhar na liberdade, desconhecida e sem garantias, Alemão caminhou até o restaurante lotado de visitantes. Pegou uma cerveja e ficou bebericando no balcão. Os humanos fugiram apavorados.

Por que fugiram?

O macaco havia virado um homem.

O perturbador desta história real não é a semelhança entre o homem e o macaco. Tudo isso é tão velho quanto Darwin. O aterrador é que, como homem, o macaco virou as costas para a liberdade. E foi ao bar beber uma.

Um zoológico serve para muitas coisas, algumas delas edificantes. Mas um zoológico serve, principalmente, para que o homem tenha a chance de, diante da jaula do outro, certificar-se de sua liberdade. E da superioridade de sua espécie. Pode então voltar para o apartamento financiado em 15 anos satisfeito com sua vida. Abrir as grades da porta contente com seu molho de chaves e se aboletar no sofá em frente à TV. Acorda na segunda-feira feliz para o batente. Feliz por ser homem. E por ser livre.

Há duas maneiras de se visitar um zoológico: com ou sem inocência. A primeira é a mais fácil. E a única com satisfação garantida. A outra pode ser uma jornada sombria para dentro do espelho. Sem *glamour* e também sem volta.

Acompanhe, se quiser.

O babuíno sagrado tem um nome comum. Beto. À espreita, lá onde os olhos se misturam com a mente, há o mais perigoso tipo de fúria. A da impotência. Beto dá voltas e mais voltas na jaula, esmurra as grades. Atira comida e fezes nos visitantes. Espanca a companhia se ela não faz tudo o que ele quer. Não admite que emita um som sem a sua permissão. Não deixa que arrede pé sem a sua complacência. Se o faz, Beto cobre-a de tapas. Se a tiram de perto dele, Beto piora. Começa a arrancar pedaços do próprio corpo. Durante as crises, Beto toma dez miligramas de Valium por dia.

Os tígres-de-bengala são reis de fantasia. Têm voz, possuem músculos, são magníficos. Mas nascidos em cativeiro, já chegaram ao mundo sem essência. São um desejo que nunca se tornará. Adivinham as selvas úmidas da Ásia, mas nem sequer reconhecem as estrelas. Quando o sol escorrega sobre a região metropolitana, são trancafiados em furnas de pedra, claustrofóbicas. De nada servem as presas a caçadores que comem carne de cavalo abatido em frigorífico. De nada serve a sanha a quem dorme enrodilhado, exilado não do que foi, mas do que poderia ter sido. E que jamais será.

Anos atrás, um de seus bisavôs galgou a escada do tratador e espiou para além dos muros. Foi o mais longe que um deles chegou. São poderosos, os tígres-de-bengala. Mas quando chega a hora de serem confinados na caverna escura de

sua escravidão, viram as costas para a Lua que aponta como promessa e marcham para a jaula. Alquebrados, submissos, como o mais vil animal da floresta.

A ursa-de-óculos é chamada de Peposa. Como se brinquedo fosse. O filho se chama Rayban, também muito engraçadinho. Quando nasceu Rayban, ela fez o que as mães costumam fazer: ensinou a ele a arte da resignação. Pegou-o pela orelha e carregou-o até as entranhas da furna na hora marcada. Hoje, Rayban vai por sua conta. Mas, todos os dias, Rayban desafia a mãe, se esgueira e testa o cadeado. Sem jamais ter aspirado o perfume gelado da cordilheira de seus ancestrais, Rayban não adivinha o que há do outro lado. Mas intui. E por ser criança ainda não desistiu de buscar.

Pinky vive só. Os outros dois elefantes, Nely e Mohan, caíram no fosso e sucumbiram. O fosso é a prisão dos elefantes. Mohan viveu seis anos acorrentado porque o cativo de sua espécie ainda não estava pronto. Quando o soltaram, durou três meses. Morreu tentando alcançar a liberdade. Ou apenas um dos cães que perambulam por lá e são achados aos pedaços. Dos três, Nely sempre foi a mais indomável. Dezenove anos atrás, matou um visitante. Um mineiro de Criciúma que comemorava a aposentadoria. Recém-liberto da solidão trevosa das minas de carvão, ele montou sobre Nely. Ela o derrubou sobre o chão e esmagou sua cabeça. Tão parecidos em sua tragédia, a elefanta e o homem.

Foram três as vezes em que Nely mergulhou no fosso. Numa delas, perdeu parte da barriga e uma mama na queda. Não desistiu. Morreu na terceira, tentando. Como nunca esquece, a elefanta Pinky assimilou o exemplo. E convenceu-se de que implacável é a punição para quem ousa dar um passo além do permitido.

A revelação dessa visita subversiva ao zoológico é que, no cativo, os animais se humanizam. O cárcere lhes arranca a vida, o desejo e a busca. E mais e mais vão se parecendo com os homens que os procuram na certeza de um alibi. Perigosa é a pergunta.

O que aconteceria se você encontrasse a chave do cadeado invisível de sua vida? O que aconteceria se você saltasse sobre o fosso de sua rotina? O que aconteceria se você desse o passo da elefanta?

Bem, talvez seja melhor caminhar até o balcão e beber uma.

**[11 de setembro de 1999]**



## O sapo

O mais incrível é que o Sapo estava ali havia 30 anos. E há mais de uma década nos cruzávamos na Rua da Praia. Minha cabeça no alto, a dele no rés do chão. Eu mirando seu rosto. Ele, os meus pés. Só dias atrás tive a coragem de me agachar e nivelar nossos olhares, subvertendo as regras do jogo de que ambos participávamos. Não nos reconhecemos.

Descobri que o nome dele é Alverindo. Ele soube que me chamo Eliane. Contou-me que os amigos o conhecem por “seu Vico”, e o povo da rua por Sapo. Por causa da eterna posição, lambendo com a barriga as pedras da rua.

Contei-lhe que sou jornalista e escreveria sobre ele. E então apertamos as mãos.

Eis o que conversamos:

– Como o senhor está?

– **Com saúde e bastante preguiça. Preguiça, pra dizer bem a verdade, até por dentro dos olhos.**

– Como é a Rua da Praia aí de baixo?

– **Olha, é só perna. Um mar de pernas. Mas eu não vejo só perna, não. Vejo de tudo um pouco. Vejo coisa que nem devia...**

– O senhor é sem-vergonha...

– **Sou o tipo mais esquisito do mundo. Sou namorador. Meu único defeito é gostar de mulher.**

– Como o senhor perdeu a força das pernas?

– **Tinha três meses quando peguei uma gripe. Lá onde nasci, em Mariana Pimentel, 65 anos atrás. A mãe me deu chá quente. Aí bateu um vento e eu nunca caminhei.**

– Foi para a escola?

– **Meu pai me levou, longe, de carroça. Mas aí, no dia em que eu cheguei, um polaco me deu um beliscão. E eu tasquei o lápis na perna dele. E aí acabou-se a escola. Não voltei mais.**

– E como o senhor veio parar aqui no centro de Porto Alegre?

– **Saí de casa com 15 anos e ganhava a vida como peão. Tava capinando mandioca quando apareceu um motorista de ônibus. Ele perguntou se eu queria mudar de vida. Me trouxe de ônibus na Borges por três dias. Eu nunca mais saí do centro e nunca mais botei a mão numa enxada.**



Sapo, como a maioria dos pedintes do centro, não está lá sozinho. É longa – e invisível – a rede que se estende por trás de cada um deles. Sapo tem uma espécie de segurança e motorista, Rogério Rodrigues, 53 anos, e uma namorada, Márcia Luiza dos Santos Carvalho, 34 anos. Os dois o acompanham durante a jornada, de segunda a sexta, das 9h às 18h. Às vezes também no sábado.

Rogério era taxista, 35 anos de trânsito, e costumava levar Sapo para casa, na Vila São Francisco, em Guaíba. Teve uma ameaça de enfarte e os dois fizeram um acordo. Ele, aparelho celular na cintura, protege Sapo na guerra do Centro, pela comida e mais uns R\$ 15 por dia. Quando Sapo ganha bem, Rogério o leva para casa por R\$ 30. Quando não ganha o suficiente, Sapo tem de ir embora de ônibus. Na maioria dos dias, Rogério recebe, pelo “trabalho”, uns R\$ 45. No fim do mês embolsa perto de mil reais.

Márcia, mais conhecida como Baixinha, não. É a companheira de Sapo. Ela cuida dele, faz comida, dá banho, lava a roupa no barraco de duas peças. Em troca, ele sustenta a mulher e suas quatro filhas, no casebre ao lado.

Sapo deposita ainda dinheiro no banco, para os dias em que a laje da Rua da Praia ameaça virar lápide, tão gelada está. Quanto ganha é um segredo que promete guardar.

– O senhor gosta de estar aqui?

– **Todo mundo me conhece. Não sou ladrão. Não sou bandido.**

– Quem dá mais dinheiro? Os homens ou as mulheres?

– **Deus botou um coração mole na mulher. Elas me dão de cinco, de dez. Os homens, só moedinha. As mulheres não, me encham o bolso.**

– O que faz nos finais de semana?

– **Bebo uma brahminha e como um pedaço de carne.**

– O senhor tem pena de estar aqui, deitado na rua?

– **Tenho pena dos cegos. Eles dão cada pechada... Deus me tirou as pernas, mas me deu um ganha-pão.**

– É verdade que o senhor está aqui há 30 anos?

– **Tô aqui desde o tempo daquele dinheiro cor de abóbora. Como era o nome mesmo?**

– Não lembro. E qual é a melhor de todas as moedas que os economistas inventaram?

– **Aquela que a gente ganha.**

– O senhor trabalha no inverno e no verão?

– No inverno não, a laje fica muito fria. Sou igual formiga. Trabalho no verão para ter no inverno.

– E onde guarda o dinheiro?

– Na barriga. E no banco.

– Se o senhor fica sentado, as pessoas dão menos dinheiro porque o senhor parece menos frágil?

– É. Fico me fazendo de leitão.

– E o mundo é bom?

– O mundo é, as pessoas é que não prestam.

– É gremista ou colorado?

– Colorado. Porque meu sangue é vermelho. Se colocassem azul eu não andava.

– Como é ver o mundo de baixo para cima?

– É mais bonito de baixo para cima do que de cima para baixo. A gente vê muita beleza...

Sapo ainda conta que seu sonho é ganhar uma cadeira de rodas. Mas com motor, que é para ele conseguir subir as lombas que hoje escala de quatro, feito bicho. Descubro assim que Sapo quer deixar de ser sapo. Nos despedimos. Ele me convida para um churrasco na Páscoa. Acostumado à tragédia de pagar por tudo que tem, inclusive o afeto, diz que se eu concordar em ir, me paga o táxi. Eu digo que não precisa, que vou por gosto. Apertamos as mãos. Eu volto para o alto.

[20 de março de 1999]



## O conde decaído

Ele está lá. Quase ninguém vê, mas está. A maior lição sobre a relatividade do poder. A fugacidade da fama. A efemeridade da glória. Ele, o Conde de Porto Alegre. Manoel Marques de Souza. Terceiro varão de uma dinastia de centauros de espada em riste. Parido na guerra, pela guerra. Engatinhando nas poças de sangue dos campos de batalha, a pele do rosto feita couro pelos ventos do pampa. Aos 13 anos despedindo-se da casa da mãe para se entreverar com os castelhanos. Aristocrata da guerra, virou barão, visconde e por fim um conde, os dois últimos na Guerra do Paraguai. Morreu embebedado em dores e feitos, a mortalha bordada de galões e medalhas. E era tão importante, mas tão importante, o nome estendido como um pelego de brios sobre as coxilhas do Rio Grande, que mereceu a primeiríssima estátua cravada na mui leal e valorosa Porto Alegre. Título, aliás, que ele conquistou para a capital ao arrancar a cidade dos arcabuzes farrapos.

O ano era 1885. O conde eternizado em mármore. A princesa Isabel em distintíssima pessoa veio instalar o herói na praça que levava o nome de seu pai, dom Pedro II. E com tal entusiasmo que pode muito bem ter plantado uma pulga no penteado da condessa viúva: “As nobilíssimas condecorações que lhe ornavam o másculo peito, com a ponta de sua fulgurante espada...” E por aí foi o real discurso.

Pois então. Não foram 15 segundos de fama como uns e outros e, mesmo assim, onde acabou? Num insignificante triângulo entre a Duque de Caxias e a Riachuelo, batizado com seu pomposo nome. Sei lá quem é aquele velho, irrita-se o mendigo do lugar. Quem diria. O conde! O conde! Reduzido àquele velho... Ele, que partia para a batalha como se fosse para um salão de baile. Marchava para o combate de luvas brancas. Agora com a sobrecasaca de guerra coberta de limo, a mesma que a lenda conta ter as abas 47 vezes perfuradas pelas balas inimigas na segunda batalha de Tuiuti. O conde, acostumado ao cheiro do sangue derramado pela pátria, condenado agora ao fedor do mijo. Porque, sim, urinam na estátua do conde. Cheiro tão forte e tão constante que, mesmo que lhe reste ainda algum admirador, não haveria como chegar perto. O conde cheirando como um zorrilho. Que lição para uns e outros, para tantos.

Durou exatos 27 anos a sua glória em mármore. Durou até muito tempo, dadas as circunstâncias. Porque a República proclamada em 1889 lançou uns à porta da frente e outros ao curral do poder. Nada muito radical, que eram todos cavalheiros e cavalheiros queriam se manter. Fundamental mesmo era que os peões continuassem onde sempre estiveram, embuchando os canhões de uns e também de outros. O fato é que, se dom Pedro II perdeu o posto na vida, pareceu justo que também o perdesse na praça de todos os poderes, que desde então virou Marechal Deodoro. E se o imperador perdeu o lugar, o que sobraria então para o conde. Foi quando sua estátua teve de ceder a vaga para a do republicano Júlio de Castilhos. Rumou para a praça que era a do Portão – mas como o portão não tinha boca nem correligionários para reclamar sua sorte, já tinha sido rebatizada antes como General Marques e, naquela ocasião, Conde de Porto Alegre.

Não foi em sacrossanta paz que se passou. Afinal, a condessa ainda era viva e os antigos donos do poder não eram gato morto para serem chutados com tanta sem-cerimônia. A Federação, jornal do partido republicano, disfarçou o que pôde para agradar aos inimigos de ocasião, mas não de privilégios. Foi assim que noticiou o traslado da estátua ocorrido na tarde de 12 de outubro de 1912: “Foi uma verdadeira festa cívica a solemnidade com que se realizou o acto official da inauguração da estatua do invicto general, conde de Porto Alegre... O povo affluio em grande massa ao local da inauguração, sendo numerosa também a concurrencia de familias. Os gymnasios trajavam uniforme kaki, de polainas e luvas brancas...” Achylles Porto Alegre “recitou soneto de sua lavra”, que terminava em trágico estilo: “Basta! Basta! Silencio! Elle era a gloria.” Ahã!

Nem na primeira página! Publicaram essa pérola da diplomacia na página dois. A primeira era ocupada por uma digressão deveras curiosa: “O recente projecto do divorcio que dorme sob a classica pedra tumular despertou uma propaganda adversa, feita por meio de conferencias, no centro cattolico desta capital”. E discorria sobre uma tese que comprovava o aumento dos “hediondos crimes de infanticidios” em todos os países que ousaram adotar tal heresia. Enveredando logo em seguida para a notícia de que o grande tenor Caruso havia sido coroado com um par de chifres pela “graciosa soprano” Ada Giacchetti, fato nominado como “um episodio profano entre artistas de alto cotturno, um desaguizado entre diva e divo”.

Pobre conde decaído, soçobrando entre anúncios de “pilulas orientaes” para aformosear os seios e Uroformina Giffoni para “gonorrhœas”. Numa edição que ainda exhibia um acirradíssimo *match* de *Foot Ball* entre o Fussball Club Porto Alegre e o Club Recreio Juvenil, onde “sucederam-se de momento a momento as cargas cerradas ao goal”. Tsc, tsc.

A Federação ainda teve o desplante de registrar que a “estatua ficou collocada num lugar de bastante destaque, fazendo frente para o ponto mais transitado da praça”. No que foi raivosamente contestada em crônica de Mário Totta nas páginas do concorrente *Correio do Povo*: “E correram-te da praça... O que os inimigos da tua pátria nunca puderam fazer, (...) os teus patricios fizeram-te ainda ontem – desalojaram-te. Vivo tu, ninguém o faria; morto correram-te.”

Assim é a vida, como também a morte, e é bom que alguns muitos aprendam com o Conde de Porto Alegre. Porque ainda, ainda não era tudo. Por volta de 1970 viraram o conde. Assim, como se faz com um velho entevado. Se mais uma vez cometeram esse desrespeito, não parece haver registro. O certo é que o olhar altaneiro, longínquo, que costumava pousar sobre os campos de batalha antes de esmagar o inimigo, está hoje condenado à tediosa visão de uma loja de artigos de cama, mesa e banho. Até a espada, que ele trazia cintilante, para que os inimigos nela pudessem mirar-se na hora da morte, se quebrou em uma dessas andanças. O conde – quanta ironia! – ficou sem espada, sem poder, sem fama e sem glória. Como o mais infeliz, o mais miserável de seus soldados.

No fim tudo é pó. Esquecimento. E o inconfundível cheiro de urina. E se aconteceu com o conde – o conde! – pode acontecer com qualquer um. O Conde de Porto Alegre reduzido a uma vida que ninguém vê num canto da cidade.

[17 de abril de 1999]



## O menino do alto

A tragédia do menino é ter nascido no lado errado da cidade. No alto do Morro da Polícia, em um barraco encarapitado sobre uma ironia. Suspensão sobre um cartão-postal de Porto Alegre, sobre a visão do Guaíba escavando a capital como um Michelangelo. O drama do menino é que nasceu duas vezes. Nos primeiros 12 anos descia a cidade vertical aos trambolhões de criança, resvalando pelos barrancos, rindo das pedras. Espantando a fome que assombrava a família com aquela inocência que protege a infância. Suspirando por um videogame que jamais chegaria no Natal, mas mesmo assim sonhando como só os meninos são capazes. Numa das incursões à planície, aconteceu. Nem viu o carro, não viu mais nada. Despertou cinco meses depois. Acordou para o horror. Tinha as pernas retorcidas, as mãos em garras. O menino renasceu. Como prisioneiro.

Leandro Siqueira dos Santos nunca havia reparado que nascera numa cidade partida. Perdeu a inocência no instante da descoberta. Quando os doutores disseram que nada mais poderiam fazer por ele, o pai arranjou uma porta velha, bichada, e sobre ela deitou o filho. Com a ajuda dos parentes, dos vizinhos, do povo de cima, carregou-o até o alto de seu destino. Pela primeira vez o menino decifrou o precipício de sua vida. Pela primeira vez sentiu medo do barranco, das pedras, das cicatrizes escalavradas na terra. O menino percebeu naquele exato momento que havia nascido com todas as pontes dinamitadas. Quando compreendeu, começou a envelhecer. Até a voz mudou.

O menino é desde então um prisioneiro no alto da torre da cidade. Suas pernas eram as únicas asas que tinha para voar sobre o fosso entre dois mundos. Tão perto do céu, estava no inferno. Para os meninos de pernas assassinas do alto, de nada serve uma cadeira de rodas. Quem tem os dois pés precisa de outros dois. Nos dias de chuvarada só se caminha como bicho. Nos dias de tempestade o morro vira um vagalhão. É um oceano escuro que despenca arrastando pedras, plantas, bichos. Carregando gente, submergindo tudo em lama. A cidade do alto é um lugar onde para ir e vir é preciso andar de quatro.

Não foi uma fatalidade que encarcerou o menino. Foi o lado errado. Quando há quase dois anos mergulhou no mundo dos semimortos, os médicos garantiram que só um milagre o salvaria. Ao menino que sofreu traumatismo craniano estava reservado o futuro das plantas. Só a família acreditou na ressurreição. A mãe abandonou o emprego numa firma de limpeza e postou-se dia e noite ao lado do filho. Tanto brigou, a dor era tanta, que perdeu o bebê que trazia no ventre. Mas como o menino não fazia sentido, e quem da cidade do alto usaria reclamar da planície, esqueceram-se dele.

Quando se mergulha no coma, o corpo dorme. Os membros, as articulações desmaiam como se perdessem a vida. Para que não se cristalizem no lugar errado, é preciso que um fisioterapeuta movimente os pés, as mãos, dia após dia. Não fizeram com o menino do alto. Selaram seu destino com a displicência com que a planície trata a cidade de cima. Não foi o acidente que roubou a liberdade do menino. Não foi o traumatismo craniano que retorceu seus pés. Foi crime.

Jamais passou pela cabeça do pai, da mãe, gritar a infâmia infligida ao



menino. Acontece com os do alto. Arrancam sua voz ao nascer. Desculpam-se por existir. Cravam as unhas em silencioso desespero a uma vida que escorre pelos dedos. Foi assim com o menino. O pai pedreiro arranjou um cano velho, dobrou em forma de triângulo, amarrou em uma borracha de soro e inventou um jeito de o filho fazer fisioterapia. Grudou o pedaço de um cano de PVC junto à cama, cortou uma garrafa de plástico em forma de funil e criou uma maneira de o filho urinar com dignidade. O menino tanta força fez, tanto se agarrou ao triângulo de cano, que venceu. Abriu a garra da mão. Desenhou um guri do morro jogando futebol.

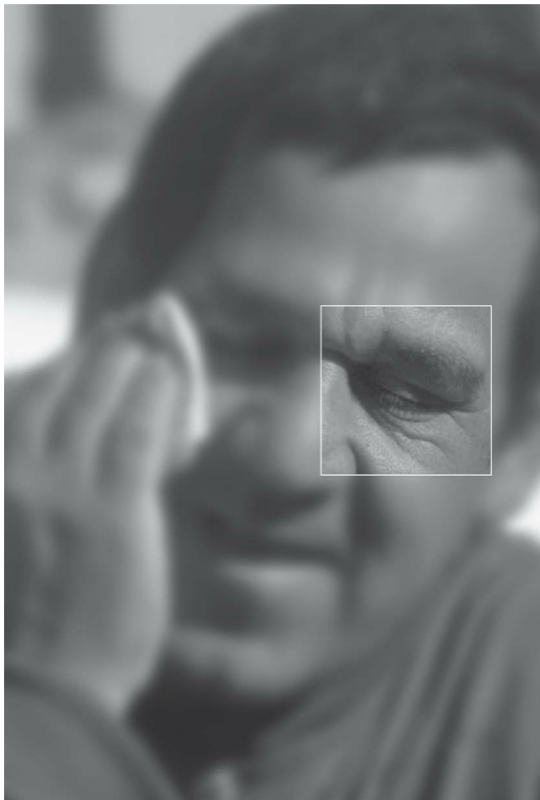
Todo o esforço do menino, porém, não era suficiente para voar sobre o abismo da cidade. Ficou mais de um ano sem ver o sol. A família conseguiu uma televisão das pequenas e uma poltrona esburacada. A vida do menino se alternou entre a cama e o sofá de sua cela sem janelas. A vida se resumiu à tela da TV. Tudo o que restou de sua vida de menino foi encarcerado numa caixinha de madeira ao lado do colchão. Bonecos de super-heróis de desenho animado, uma revistinha dos Cavaleiros do Zodíaco, uma carteira com o desenho da Mônica e do Cebolinha. E preciosas figurinhas de mulher pelada.

Há menos de um mês aconteceu o que raramente acontece. A enfermeira do posto de saúde descobriu o menino. Horrorizou-se com a indecência cometida, com o tanto que lhe roubaram. Aliou-se a ele. Uma luta invisível é travada agora duas vezes por semana. O pai levanta o menino e o ajeita numa cadeira velha, com um pedaço de pau pregado de cada lado. Faz isso com o esforço de um Hércules subnutrido, movido por um amor poderoso. O menino é grande, não porque bem alimentado, mas porque mesmo com tanta fome engorda pela ausência de movimento. O pai pega uma cinta velha e amarra o filho. Agarra a parte da frente, um primo levanta a de trás. E começam a descida da cidade vertical.

Quando o pai raquítico carrega o filho de pernas mortas pela escuridão da tragédia, o morro para e se cala. Alpinistas da miséria, um passo em falso pode custar a vida. Embaixo, a enfermeira espera. Ou o vizinho. Como não há ambulância para levá-lo à fisioterapia, um e outro se alternam com seus próprios carros. A cada vez o menino vai com o coração descompassado, a cada vez que desce sonha que subirá com as próprias pernas.

– Eu fecho os olhos e me vejo correndo pelo morro. Penso que vai acontecer, mas não acontece.

É uma luta grande demais para um menino que nasceu no lado errado da cidade. Tudo o que conseguiu é pouco. Ainda são breves as escadarias. Enquanto acreditar no improvável há uma chance. Enquanto suspirar por um videogame ainda resta nele algo de menino. Por isso o povo se cala quando ele passa. Porque é só um menino de pernas assassinadas. E sonha em construir uma ponte entre o morro onde nasceu e a planície onde precisa chegar. É só um menino de pernas mortas. E não desistiu de mudar o mundo.



## O chorador

Na beirada do Rio Grande, Quaraí não sabe. Mas é uma cidade abençoada. Não por suas lendas nem por seu passado de glórias. Não pelo Cerro do Jarau nem por sua fronteira cortada a sangue. Nem mesmo porque as portas e as janelas não carecem de trancas porque coisa alguma as violará além de sombras e fantasmas renitentes. Quaraí não é abençoada pelo que considera importante. Quaraí é abençoada por causa do Tierri.

Fronteiriço feito touro chucro, ele tem a cara talhada em madeira, larga e grossa como um tronco de umbu. Gaúcho como os primeiros, os autênticos, com uns olhos de noite, os cabelos como pelo de bicho e o corpo maciço, feito para a lida de quem não conhece colchão. Cada músculo nascido com ele, sem conhecer academia ou anabolizante. Tierri, um mestiço como só o pampa é capaz de parir, simples como eram as coisas e as gentes feitas entre o céu e a terra, como no princípio. Antes que o vento comesse a empurrar a roda da ambição e também a da fortuna. E o mundo virasse de pernas para o ar.

Tierri é o chorador da cidade. Chora os mortos de Quaraí. Todos eles. Os ricos, os pobres, os remediados. Os que sucumbem de paixão, os que tombam de doença, os que caem de cansaço. E também os que arriam por desistência. Até mesmo os que morrem porque esqueceram de viver. Tierri chora os mortos não porque alguém tenha pedido nem porque algum parente tenha pago. Não por contrato, mas por gosto. Tierri o faz porque não chorar os mortos é ofender os vivos. Porque chorar a morte é sua missão na vida.

Não há em toda Quaraí quem saiba precisar quando tudo começou. Filho de um changeiro morto de paixão, como se diz de quem sucumbe dos males do coração, e de uma daquelas mulherzinhas pequenas que se vê por aquelas bandas. Pequenas e morenas que criam um balaio de filhos lavando na sanga, cozinhando na pedra, esfolando as mãos, os joelhos e a vontade, mas jamais desistindo porque não conhecem tal luxo. Filho do seu Caetano e da dona Negrinha, Tierri foi batizado Salatiel Vargas, nome de macho como se impõe na fronteira. E desde novo notou-se nele uma cabeça boa para as coisas do coração, desapegada das praticidades da vida.

Tierri é um passarinho cantador, que corta o pampa sibilando seu nome de um jeito comprido e sentido, como se passasse a vida chamando quem não o ouve. Salatiel tinha um irmão assim, que cortava a cidade assobiando, zunindo nos ouvidos do povo o seu apito espichado e um tanto agoniado. Por causa desta mania esse irmão foi chamado Tierri até morrer com a cabeça despedaçada em uma cancha de futebol. Salatiel herdou então o nome do morto e virou Tierri. E Tierri será até o dia de sua morte.

Não há cristão, evangélico ou ateu que saiba dizer por aqueles lados como foi que se passou. Num daqueles dias agourentos do pampa, quando o ar se anuncia como desgraça e até as vacas se constroem de mugir, Tierri apareceu no velório. Trazia um lenço grande, encardido como se tivesse sido lavado no barro, e, mal avistou o defunto, já começou a chorar. Não o choro comedido da boa educação, com lágrimas pingando à unidade, como se o olho tivesse sido

torcido. Nem o pranto do crocodilo, com uma vista no caixão e a outra na herança. Mas o choro copioso, em vagalhão, despejado de dentro do peito como se toda a sua vida fosse não mais do que um preâmbulo para aquele momento.

Era de tal qualidade o choro de Tierri que apavorou a viúva, os filhos e os parentes. E só não assustou o defunto porque este já estava esquecido das misérias terrenas, preocupado apenas em desencarnar o mais breve possível e não prolongar nem um minuto a mais sua estadia na terra. Tierri chorava aos soluços, dava para ouvir o galope do peito. Chorava um choro chorado, alquebrado sobre o ataúde, mirando o defunto como se não quisesse esquecer nenhum detalhe do rosto que a terra em seguida engoliria, com indiferença e também com generosidade. Não contente em chorar, gemer e suspirar em volume máximo, Tierri ainda beijava o esquife, com uns beijos chupados, babados e estalados. E bradava, a quantos andassem por ali:

– Morreu, maninha!

Desde então, lá se vão anos e até décadas, Tierri vem chorando todos os mortos de Quaraí. Não se sabe como descobre nem como tão rápido aparece, mas muitos já foram os velórios em que Tierri chegou junto com o morto, antes dos parentes. Basta a notícia o alcançar para largar tudo de pronto. Sob o primeiro ônibus e desembarca na funerária. Chega, vai sacando o lenço do bolso e se põe a fungar como se não vivesse para outro fim. Deixa patrão empenhado, biscate pela metade, jornal por entregar, caminho pelo meio. Não há nada mais forte para Tierri do que o chamado dos mortos. E aquele índio graúdo, largo como um boi de canga, chora tanto, tão bem e tão sentido que recebe os pêsames como se parente fosse.

Tanto é o seu empenho em atender aos finados com presteza que, às vezes, Tierri se precipita. Dias atrás avistou a ambulância na porta e já foi adentrando na casa. O doente não pensava em morrer, sequer ensaiava uns passinhos no além. Tierri desdobrava o lenço quando foi corrido como mau agouro. Saiu com uma lágrima escorrendo do canto do olho, uma que não conseguiu recolher a tempo. Tal é a ânsia de adivinhar o desenlace para prestar com brio as fúnebres homenagens, que Tierri acabou por se tornar o flagelo dos velhinhos da cidade. Mal adivinha um passeando seus passos vacilantes pelos lados da praça e já sai correndo atrás. Se atira às costas do pobre e sentencia, de joelhos e mãos em prece:

– Este vaaaai!

E sempre que lhe perguntam por que abre as comportas dos olhos para todo e qualquer defunto, sem ver idade, sexo, raça, religião ou posses, Tierri responde do mesmo jeito. Arregala os olhos como se não entendesse tão descabida questão e despeja seu vozeirão enrolado:

– É meu amigo.

Tierri chora generosa e democraticamente. E, se aos mortais comuns a vida não reserva nenhuma certeza, em Quaraí o povo pode morrer sossegado.

Por isso é uma cidade abençoada. Por causa não de suas glórias passadas nem de suas lendas contadas nem de seu alardeado sossego. Mas porque é a única onde um cidadão pode viver com a certeza de que será chorado na morte. Não um choro pingado nem um pranto interesseiro. Mas um choro afogado, do

fundo do peito, como se não houvesse vivido no mundo pessoa mais amada, querida e acalentada. É essa a missão de Tierri, de quem às vezes o povo ri ou judia. Esse Tierri humilde, que muita gente arrelia, entendeu que não havia nada mais nobre do que dar importância na morte mesmo a quem não a teve na vida. Ele, que conhece na pele e na herança a desigualdade da sina, inventou um jeito de igualar a todos pelo menos no último dia.

Talvez tudo o que Tierri espere é que, quando também ele se for, Quaraí lhe dê na morte a importância que não lhe deu na vida. E chore um choro sentido, fungado e babado pela morte de quem por ela chorou toda a vida.

**[6 de novembro de 1999]**



## O encantador de cavalos

Um menino tem sua cabeça a prêmio pelas ruas de Porto Alegre. Chamado ladrão de cavalos. Como nos faroestes. Não importa que ele pertença ao estado brasileiro com melhor qualidade de vida. A realidade do menino não é a da porta da frente, mas a das cocheiras. O mundo do menino tem necessidades básicas e nenhuma sutileza. Essa é a tragédia do pequeno procurado.

Ele tem dez anos, tamanho de oito, no máximo. Uma inteligência descrita como prodigiosa. E uma obsessão que lhe deu individualidade entre a massa de crianças desvalidas, condenadas a se anestesiarem de lólo pelas ruas: o menino é louco por cavalos. Não apenas os puros-sangues do Jockey. Qualquer pangaré de quatro patas faz seus olhos arregalarem-se. O que empresta cor à sua vida virou uma sentença de morte.

Cinquenta reais é a cotação da cabeça do menino. O valor é baixo porque quem o quer morto tem pouco mais do que ele. Pouco, não. Para o menino, muito. Tem um cavalo velho. Daqueles nascidos para sofrer, em que as costelas causam dor furando o couro. O crime do menino foi montar no cavalo do carroceiro e galopar com ele pelas avenidas da cidade. Por algum tempo, a imaginação do menino transformou aquele matungo triste no corcel dos farrapos de 20 de Setembro, as sórdidas ruas da região metropolitana no pampa dos mitos. Por algum tempo, menino e cavalo foram felizes.

Os cascos da realidade esmagaram os sonhos do menino. O cavalo, desacostumado a galopar sem as viseiras de seu jugo, perdeu-se do cavaleiro. O menino voltou para a periferia desmontado, tendo como lembrança da aventura apenas um traseiro em feridas. O carroceiro perdeu o instrumento de trabalho, o único ganha-pão da filharada. Enfureceu-se. Botou preço e espalhou pela capital. Como essa não foi a primeira cavalgada do menino, outras vítimas se uniram ao carroceiro. Desde o início do ano o menino está jurado de morte a um preço menor que o de um cavalo.

A paixão do menino irrompeu aos dois anos e meio, quando o pai lhe presenteou com uma égua sem raça de pelos colorados. Uma égua criança, que o menino batizou de Sabonete. Que se tornou a companheira do menino, quase toda a sua vida. Quando o menino tinha cinco anos, e a égua dois, ele estava sozinho em casa com a irmã menor e acendeu uma vela para dissipar a escuridão que lhe metia medo. A vela lhe escapou das mãos, o barraco incendiou-se. Não sobrou nada, exceto o menino, que o pai arrancou do meio das chamas. A égua Sabonete foi vendida para que a família comprasse um naco de sobrevivência.

O menino descobriu que sem seu cavalo era meio porque com ele incinerou-se a infância. Encarou pela primeira vez a cidade no encaço da única fantasia capaz de devolver-lhe a integridade de um corpo. Quase encontrou a morte debaixo das rodas de um carro. Ficou um mês e dois dias em coma no hospital. Teve de reaprender a andar e a falar. Quando falou, a primeira coisa que disse é que compraria uma casa nova para a família. Quando caminhou, partiu em busca de sua metade.

Pelo caminho foi saltando sobre o lombo dos animais que encontrava, sem tempo para explicar que não era ladrão. Foi interceptado quando galopava rumo a um rodeio. Fraturou o fêmur ao despencar de um cavalo alto e brabo demais para ele. O que não deteve o menino. Quando a mãe chaveou-o dentro de casa, arrancou as tábuas do assoalho. Fugiu de muletas em busca de seu Pégasus.

O diagnóstico médico para a ânsia do menino – uma sanha que jamais permitiu-lhe ficar sentado nos bancos escolares olhando ivo ver a uva – foi “hiperatividade e déficit de atenção”. A família não tinha dinheiro para comprar o remédio que lhe garantiria “uma vida normal”. O Conselho Tutelar, às voltas com meninos abandonados, drogados e violados, não sabia o que fazer com um menino que tinha a mesma obsessão de Alexandre, o Grande.

Ninguém percebeu que recuperar o cavalo era a esperança do menino de voltar no tempo, um segundo antes de atear fogo à vela que em vez de luz o sepultou em trevas. Ninguém percebeu que só a ilusão mantinha o menino a salvo da loucura. Que o cavalo era a lucidez – e não a insanidade. Depois de entrar e sair de instituições, o menino foi confinado em fevereiro na ala infantil do manicômio. De onde fugiu dois domingos atrás.

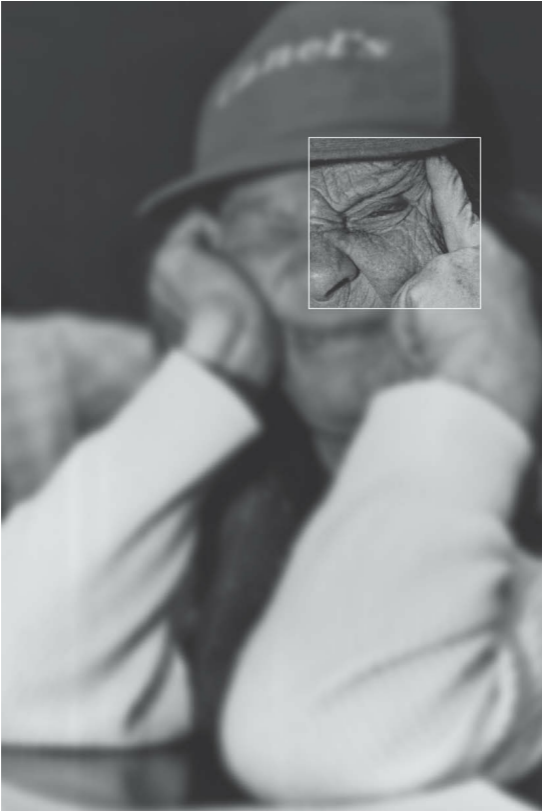
Em busca de seu cavalo, ele submergiu nos campos de concreto da cidade. Dormindo pelos viadutos, pelas cocheiras. Encilhado em sua utopia. Embriagado de fantasias, não de loló. Na quarta-feira, implorando que o deixassem montar, o pequeno centauro explicou o sopro que anima seu corpo de menino:

– Eu vejo um cavalo, e o meu coração começa a bater desesperado. Não gosto nem de bola nem de bicicleta. Só de cavalos. Quando eu durmo, continuo sonhando com cavalos. Sinto isso.

E se foi. Um cavaleiro solitário aos dez anos de idade, jurado de morte, agarrado às crinas da única fantasia capaz de salvá-lo da loucura de uma infância em cinzas.

[27 de março de 1999]





## Frida...

Frida olha para os vereadores da Câmara de Porto Alegre. E não acredita no que vê. Nem no que ouve. Contraí o olho doente, caído, e aperta as bochechas com as mãos. Grita, com forte sotaque alemão:

– Não aguento mais. Mas que coisa horrível! Só fazem projetos que não prestam.

E ameaça bandear-se para a Câmara de Novo Hamburgo, no Vale dos Sinos, por onde também já andou. Cansada, diz ela, de tanta besteira.

Frida é assim. Aos 68 anos, diz o que muitos apenas pensam. Sua primeira aparição na Câmara de Porto Alegre data dos anos 60. Quando a Câmara ainda funcionava no centro. Desde lá, Frida tornou-se a cidadã mais assídua do Legislativo da capital gaúcha.

De certo modo, não se concebe a Câmara sem Frida. Nem Frida sem a Câmara. Mas quem é Frida? Bem, sempre que alguém não se encaixa no mundo da maioria, é logo chamado de maluco. É o que acontece com Frida. É o que dizem dela quando grita lá do plenário:

– Esses vereadores só dizem bobagem! E sabe quanto ganham? Quase R\$ 5 mil! Eu vou embora!

Nessa hora, todo mundo acorda e ri. Porque uma sessão da Câmara, com exceção dos projetos polêmicos, é um sono só. Tem sempre alguém discursando para ninguém, uma turma conversando de frente para a tribuna – “viste o Grêmio ontem?” – e outra conversando de costas para a tribuna. Prestando atenção, só a Frida. Com as duas mãos alicerçando as bochechas. Apavorada. Aí, dizem que é a Frida que não bate bem das ideias.

Frida tornou-se Frida na Câmara de Vereadores. Antes, chamava-se Nilsa Lydia Hartmann. Filha de agricultores do município de Harmonia. Costureira de mão cheia, um dedo mágico também para plantas e flores. Mãe de seis filhos. Casada com um marceneiro e depois separada. Perseguida por um diagnóstico médico: esquizofrenia. Poderia ter sido confinada em um manicômio. Ou ficar esperando a vida acabar em uma clínica. Preferiu inventar a Frida. E, de algum modo, a família compreendeu. Num mundo que se especializou em esmagar, eliminar e encarcerar a diferença, o melhor para Nilsa era ser Frida. E a deixaram à vontade.

Se o que Frida compreendeu é coisa de doido, muita gente anda batendo pino. Frida entendeu que o Legislativo é a sua casa. Interpretou o conceito de cidadania de uma forma tão radical que mais de uma vez foram avistadas suas calcinhas recém-lavadas estendidas sobre as folhagens do jardim. Como às vezes dorme na rua, ela faz uma rápida toalete no banheiro dos motoristas. É também pelos corredores da Câmara que remenda roupas e tricota sapatinhos de lã.

Frida cumpre expediente. Ela gostaria de ser vereadora. Resignou-se em ser jornalista. Considera-se repórter da assessoria de imprensa da Câmara. Anda com um punhado de canetas numa mão e um maço de papéis usados na outra. Quase não perde sessão. Se falta algum dia, no outro já pede atestado. Houve tempo em que batia ponto. Senta-se no plenário e escreve sem parar. Conta o que

acontece, faz comentários e críticas. Vai espalhando as laudas pelas cadeiras e degraus do plenário. Às vezes, abandona a isenção jornalística e prepara um projeto de lei para doar malotes de dinheiro aos amigos. Ninguém imagina onde Frida viu algo parecido.

Às vezes Frida se irrita, e já houve caso de invadir a tribuna empunhando um porrete. Numa ocasião, disparou uma bala de açúcar direto na careca de um vereador, mas o petardo acabou acertando a calva de outro. No caso de Frida, dizem que é maluquice. Mas quem acompanha a história da Câmara sabe que, mais de uma vez, os nobres edis já decidiram uma discórdia em batalhas campais com copos de cafezinho.

Frida já levou até a mãe para que conhecesse seu local de trabalho. Ciceroneou a velhinha toda orgulhosa pelos corredores do Legislativo. Mais tarde, quando a mulher faleceu, fez um altar no plenário. Com fotografia, vela e vasinho de flores. Frida fez o luto pela mãe na casa do povo.

O grande drama da Frida é que, apesar de ser uma das funcionárias mais antigas, assíduas e dedicadas, nunca recebe salário. Os dias que antecedem ao pagamento são sempre nervosos. Frida se agita. Chega a ficar agressiva. Na data fatídica, revolta-se. Toda vez que uma funcionária ingressa no setor, sente-se preterida. Hostiliza a novata, deixa bilhetes: “Cai fora!”.

Mesmo assim, Frida segue agarrada ao fio da existência. Quando se despede do filho, em Novo Hamburgo, sempre diz:

– Hoje acho que votam o meu dinheiro.

E ruma para Porto Alegre. Tal qual o povo, cheia de convicção na democracia.

### **... E UM CERTO VEREADOR**

Ele não gosta. Procurado, quase não quis falar no assunto. Contou um ou outro episódio, em seguida implorou para não ser citado. Mas o que fazer? É só tocar no nome da Frida que imediatamente alguém lembra de uma história do Dib. Ou do “Dibas”, como ela diz. Feita a ressalva, o nobre vereador vai ter de perdoar, mas é impossível contar a história da Frida sem citar seu nome. Seria o mesmo que contar a história de Dalila sem Sansão. Cleópatra sem Marco Antônio. Julieta sem o seu Romeu.

Frida teve mais de um amor platônico entre os parlamentares, mas o sentimento dedicado a Dib é diferente. Duradouro, vem atravessando as décadas, as sete legislaturas do vereador. Já gerou mais de uma especulação pelos corredores da Câmara. Houve um tempo em que Frida chegou a construir uma casa de madeira no canteiro da rua Ramiro Barcelos, em frente ao apartamento em que ele morava. Só para ficar mais perto do vereador de seus sonhos. Em outra ocasião, conseguiu uma escada, escalou a parede e, quando Dib abriu a porta, Frida estava bem sentada no sofá da sala.

Quando Dib era secretário dos Transportes, Frida um dia invadiu o gabinete e surrupiou uma foto dele de dentro da pasta. No lugar, deixou uma carta de conteúdo irrevelado. Dib chamou a Polícia Militar. Quando os soldados passaram

por Frida, ela informou bem depressa:

– A mulher foi por ali.

Quando Dib foi secretário de Obras e Viação do município – ô homem mais diligente! –, Frida fazia comida na rua, espalhava as panelinhas e gritava:

– Dibas! Dibas! Comidinha para ti.

Para tristeza da Frida, Dib nunca compareceu ao banquete. E, num de seus aniversários, cometeu uma indelicadeza. Quando Frida levou-lhe um bolo feito por suas próprias mãos, despedaçou o merengue a bengaladas.

Com o passar dos anos – e o repúdio constante dos mais sinceros anseios de Frida –, a relação foi se azedando. Hoje, Frida culpa Dib por tudo de ruim que lhe aconteceu na vida. Inclusive o justo salário do qual nunca viu a cor. Mesmo assim, não consegue ficar longe dele. João Dib segue sendo a estrela de suas reportagens. Volta e meia, Frida ainda sucumbe ao coração e grita do plenário:

– Deixem o Dibas falar!!!

**[2 de outubro de 1999]**



## Eva contra as almas deformadas

Esta é a história de uma mulher que cometeu um crime que a humanidade não perdoa. Recusou-se a ser vítima. Eva Rodrigues preenchia todos os requisitos para a sentença. Era mulher: coitada. Era negra: coitada. Era pobre: coitada. Ainda não era tudo. Eva nasceu de um parto sofrido. Teve paralisia cerebral. O corpo todo tremia, ela derrubava a comida, caminhava mal, era toda ela um desajeito. À Eva, o mundo reservava apenas um destino: o de ser coitada. Eva poderia estender a mão e pedir esmolas. E receberia olhares de profunda pena. Em troca da moeda, devolveria ao doador o alívio não apenas da caridade, mas o outro, secreto: a garantia de que a deformidade, assim como a loucura, está sempre no outro.

Eva rebelou-se. Decidiu que não seria coitada. Que o mundo se virasse com isso. Que o mundo achasse outras vítimas para preencher seu horror. Este foi o crime de Eva. Pelo qual jamais a perdoaram. Como não puderam lhe imprimir na testa o rótulo de coitada, a marcaram com outro. Como ela, a deformada, como ela, a deficiente, como ela, a defeituosa, ousava renegar a mão da caridade, irmã da pena, prima da hipocrisia? Como ousava ela, a anormal, encarar de igual para igual os normais? Parecia até que a exibição do corpo torto de Eva revelava a alma torta do outro. Parecia até que a falha exposta de Eva devassava a falha oculta do outro. Como ousava Eva, justo Eva, ser imperfeita em um mundo onde se paga fortunas para que todos sejam igualmente perfeitos? Como ousava Eva ser diferente em um mundo onde a igualdade das ideias é a única garantia de segurança? Como ousava Eva vencer pelo espírito no mundo da aparência?

Ah, quanta pretensão a de Eva. Quanto perigo ofereceu Eva quando decidiu que não seria coitada. De vítima, Eva virou culpada.

É preciso contar como Eva insurgiu-se. Antes de revelar como a castigaram. Eva não sabe se foi nos risos que a perseguiram, nas imitações que dela faziam, se foi no anúncio de que seu destino era ficar amontoada num canto. De preferência em silêncio. Só sabe que decidiu que não se submeteria. Que reinventaria seu destino. Reinventaria a si mesma.

O primeiro ato de rebeldia foi entrar na escola. Conseguiu aos nove anos, no lugar onde nasceu, em Restinga Seca, na região central do Rio Grande. Suas mãos não obedeciam, eram dois membros convulsos que Eva não dominava. Eva usou toda a força de que dispunha para que a mão esquerda segurasse a direita. Uma mão retorcida sobre a outra, dores horrendas pelo esforço, Eva escreveu pela primeira vez. O atrito da mão dobrada sobre o papel deixou os dedos em carne viva. Os primeiros cadernos tinham letras ensanguentadas, palavras feridas. Os primeiros cadernos de Eva foram escritos a sangue.

Eva descobriu nesse momento que era capaz de reescrever seu destino. E, logo à primeira ousadia, já recebeu o primeiro castigo. Mesmo com as melhores notas, foi obrigada a repetir o ano. A professora não aceitava, não compreendia que Eva conseguisse escrever. Eva repetiu e prometeu que repetiria quantas vezes fosse necessário até que a professora, o mundo, entendesse que jamais

desistiria. Que os venceria, nem que fosse pelo cansaço. Que pedissem tudo a ela, menos o impossível. Que pedissem tudo a ela, menos que ficasse no seu lugar.

Logo Eva aprendeu que a independência é areia movediça. Território a ser tomado e retomado dia após dia. Aos 17 anos, diante dos oito irmãos, dos pais analfabetos, agricultores sem terra, deu o primeiro grito:

– Chega! Eu não sou coitada disso, coitada daquilo. Se eu derramar comida para comer, deixem que eu derrame. Se eu derrubar as coisas quando eu pegar, deixem que eu derrube. Se eu cair, deixem que eu me levante.

Eva mudou-se para Porto Alegre. Empregou-se como doméstica e terminou o ensino médio. Suas mãos, assim como sua alma, eram escalavradas por cicatrizes. Mas já não sangravam.

Eva ingressou na universidade, mas não podia pagar. Por duas vezes lhe negaram o crédito educativo. Pediu transferência para uma mais barata. Eva sonhava em ser educadora. Queria ensinar como se podia escrever com as mãos em chagas. E fazer das mãos retorcidas asas. Mas muitas eram as almas disformes que se colocariam entre Eva e o mundo. A luta estava recém no começo e provavelmente não terá fim.

Ela ouviu e ouviu. Como vai escrever no quadro-negro tremendo desse jeito? Como vai ensinar com uma letra tão feia? Não vê que só vai incomodar? Não entende que entre você e uma menina normal vão escolher a normal? O que você quer? Vai passar a vida olhando para um diploma na parede? Eva ouviu tudo isso de uma educadora. Eva ouviu tudo isso na faculdade. Apenas para comprovar que a ignorância está onde menos se espera. Eva, a deficiente física, respondeu à deficiente de alma:

– Em primeiro lugar, eu não vou desistir. Em segundo, a vida é um risco. Não só para mim. Mas para todo mundo.

Eva demorou a descobrir por que sua tremedeira ameaçava tanto aqueles seres impávidos. Qual era a ofensa de sua fragilidade. Foi vilipendiada de todas as formas conhecidas e outras inventadas só para ela. Primeiro, impediram que fizesse estágio. Depois, só poderia fazê-lo numa escola de deficientes. Em seguida, decidiram que tinha de ser durante o dia porque sabiam que nesse horário ela trabalhava para pagar as contas. Por fim, como Eva não desistisse, desistiram eles de a impedir.

Quando o nome de Eva foi pronunciado na formatura, todos levantaram, gritaram, aplaudiram. Eva não ouviu. Todos os seus sentidos estavam concentrados em não cair. Atravessar aquele palco sem tropeçar era a metáfora de sua vida. Eva não cairia. Não ali. E Eva não caiu.

Finalmente conseguiu ocupar as salas de aula como educadora. Foram pelo menos três escolas. E em cada uma algo se passou. Quando descobriam que Eva não era coitada, que empregá-la não era um ato de caridade, tudo mudava. Quando descobriam que Eva era capaz, que era preciso competir com a sua mente, não com seus tremores, tudo se alterava. A comiseração do início transmutava-se em ódio. Quem essa aleijada pensa que é? Foi o que Eva ouviu e escutou. E assim Eva foi expulsa do mundo que mal havia tocado.

Eva não desistiu. Como não desistirá. Prestou concurso em 1994 para

servente no extinto Tribunal de Alçada. Pensou que os olhos vendados da Justiça não a julgariam por sua deformidade. Fez concurso em sala especial, como deficiente. Foi aprovada em nono lugar. A nomeação chegou a ser publicada. Mas vejam só, Eva foi reprovada pelo neurologista. Porque tremia as mãos, porque derramaria os cafezinhos.

Uma assinatura encerrou o capítulo de uma vida. Eva ingressou na Justiça. A defensora pública não compareceu ao julgamento alegando não ter sido avisada. Eva continuou. O processo está hoje no Supremo Tribunal Federal. Eva voltou a trabalhar como doméstica.

Eva é mulher, negra e pobre. Eva treme as mãos. Tudo isso até aceitam. O que não lhe perdoam é ter se recusado a ser coitada. O que não perdoam a Eva é, sendo mulher, negra, pobre e deficiente física, ter completado a universidade. E neste país. Todas as fichas eram contra ela e, ainda assim, Eva ousou vencer a aposta. Por isso a condenaram. Atenção para as palavras de Eva:

– A cada vez que me derrubarem eu vou levantar com mais força. Não quero saber de derrota. Derrota nunca esteve nos meus planos. E coitado é quem me chama.

A vida é pródiga em paradoxos. O de Eva é que a odeiam porque não podem sentir pena dela. E o do mundo é que as piores deformações são as invisíveis.

**[14 de agosto de 1999]**





## O gaúcho do cavalo de pau

Dizem que ele é louco. É possível. Da última à primeira cocheira da Expointer, dizem que ele é louco. Os patrões e também os peões dizem que ele é louco. Até as vacas premiadas e também as chibungas dizem que ele é louco. Será? Talvez seja ele quem ria. Talvez seja uma grande ironia. Ou talvez ainda ele seja um Dom Quixote de bombacha e cavalo de pau em busca de coxilhas de vento de um tempo que, como ele, seja também uma quimera. Talvez.

Desde a primeira vez em que amanheceu nos portões da Expointer, em 1991, dizem que ele é louco. Amanheceu estropiado e faminto. Tinha 15 anos. Vinha de Uruguiana. Um pouco a pé, um pouco espremido no meio dos bichos de alguma cacunda de caminhão. Levou três dias para chegar. Chegou.

Amanheceu nos portões da Expointer com um cabo de vassoura. Apresentou-o como seu cavalo. Pediu atestado sanitário para que o animal botasse os cascos na feira. Demonstrou todos os movimentos do Freio de Ouro, o grande prêmio da raça crioula, evolucionando com seu cavalo de pau. E assim inaugurou sua participação na grande festa do Rio Grande.

Seu nome, Vanderlei Ferreira. Filho de pobre, jamais foi à escola. Mas frequenta a Faculdade de Zootecnia. Todo ano lhe raspam a cabeça como se fosse bixo. Assiste as aulas, às vezes faz até prova. Se fosse levar a vida a sério, descobriria que é analfabeto. Como decidiu que a distância entre a realidade e a liberdade é um cabo de vassoura, vai se formar doutor.

Vive em Uruguiana como folclore. Dorme escondido num posto de gasolina, às vezes na casa de um tio. Já teve uma Kombi por morada. Mas, seja qual for o pouso, decidiu que estará sempre em sua vasta estância de fronteira, espiando o rebanho pela janela. Tudo isso consegue enxergar, sentir, tocar, enrolado em um cobertor velho no canto de lugar nenhum. E quando acorda, pega um celular de brinquedo, se planta na porta do Banco do Brasil e ordena ao capataz: “Pode embarcar os bois”.

Desde que descobriu a Expointer, nunca falhou uma. Chega com fedor de bicho, os piolhos pastando pela cabeça. Os veterinários lhe dão um banho, desinfetam o couro e acaba até presenteado com um par de botas. Chapéu, bombacha e churrasco vai ganhando de outros padrinhos espriados pela exposição. Veste um jaleco branco de veterinário e sai com uma planilha debaixo do braço. Dorme numa cocheira do galpão do isolamento, entre éguas e touros doentes. Gasta o dia cavalgando pelas ruas e avenidas da feira. Ou deixa o cavalo relinchando na porta de algum expositor e vai declamar nos ouvidos de uma prenda: “Os patos perdem as penas, os peixes perdem as escamas, e eu perco tempo amando quem não me ama...”.

Quando corcoveia sobre o lombo de pau do seu cavalo, o povo ri, se diverte. O dito louco também ri muito, por dentro e por fora. Não se sabe quem ri mais, se a plateia, se o suposto doido. Nem se sabe de quem será a derradeira gargalhada.

Dizem que ele é louco. O etimólogo Joan Corominas definiu o gaúcho como de origem incerta, guacho órfão, pobre, indigente... Vagabundo, segundo o

estudioso José de Saldanha. Homem que não sabe andar a pé, conforme Dom Félix de Azara, fundador de São Gabriel. Vaqueano dos caminhos de aventura, tropeiro de sonhos e perigos, dono de si. Andarengo de horizontes largos, companheiro da liberdade, na prosa de Simões Lopes Neto.

Se tudo isso é o gaúcho, não há ninguém naquela Expointer mais autêntico do que o chamado louco de Uruguaiana. É possível que ele tenha levado o mito mais a sério do que qualquer outro homem do Rio Grande. É possível que tenha se desgarrado no que Borges chamou de vertigem horizontal da planície. É possível que tenha restado a gaúchos como ele apenas um cavalo de pau. É possível que tudo que tenha sobrado da utopia seja um cabo de vassoura.

É possível até que seja tão louco que tenha inventado um gaúcho.

VANDERLEI, VOCÊ É LOUCO?

– Por que você veio à Expointer?

– **Ouvi na faculdade, em Uruguaiana, que os alunos estavam liberados para ir à Expointer. Era 1991. Me atraquei a pé.**

- Foi difícil?

– **Foi a pior coisa da minha vida. Ninguém queria me trazer. Passei fome. Levei três dias para chegar. Mas amanheci aqui.**

– E o que achou?

– Foi o melhor dia da minha vida. Me apavorei com o mundão de coisa. Nunca mais queria que acabasse.

– E o seu cavalo?

– **Meu cavalo é uma vassoura. Querida que fosse o BT Faceiro do Junco (vencedor do Freio de Ouro de 1995), mas é um cabo de vassoura.**

– Se você sabe que é um cabo de vassoura, o que pensa quando está montado nele?

– **Sonho que eu tô num cavalo de verdade. Levando uma prenda na garupa. Laçando, paleteando...**

– Como é o seu cavalo?

– **É um tordilho. Branco.**

– E o que você faz com o cavalo?

– **Desfilo, faço as provas. Uma vez, em Uruguaiana, me deram nota em tudo. Fiz tudo que se faz no Freio de Ouro. Também já desfilei na avenida. Me**

**aplaudiram de pé.**

– Como é a prenda?

– **Eu queria uma que não fosse exigente. Que quando eu quisesse sair, me liberasse.**

– Às vezes você dorme nos carros, no posto de gasolina. O que você fica pensando?

– **Penso que estou numa estância com a minha prenda.**

– Você nunca trabalhou como peão?

– **Comecei a trabalhar, mas queria que eu levantasse às 4h pra fazer coisa que podia fazer às 6h. Não deu certo.**

– Não é boa a vida de peão?

– **É muito difícil. O cara sofre, se machuca e ainda por cima ganha pouco. Não quero ser peão. Quero ser veterinário.**

– Você vai à faculdade?

– **Assisto às aulas, aprendo de tudo um pouco. Mas não sei ler nem escrever. Só números.**

– Quando você chegou à Expointer dessa última vez?

– **Ceguei na sexta passada. Vim de caminhão, com touros de raça. Sobrava um lugarzinho.**

– E quando a Expointer acaba?

– **Me dá uma tristeza no coração.**

– Como é essa tristeza?

– **É uma tristeza funda.**

– Como você vai embora?

– **Vou triste, deitado, pensativo. Volto com os bichos.**

– Você só anda a cavalo na Expointer?

– **Nunca andei a pé.**

– Você já montou num cavalo de verdade?

– **Uma vez.**

– E o que achou?

– **É bem melhor do que um cabo de vassoura.**

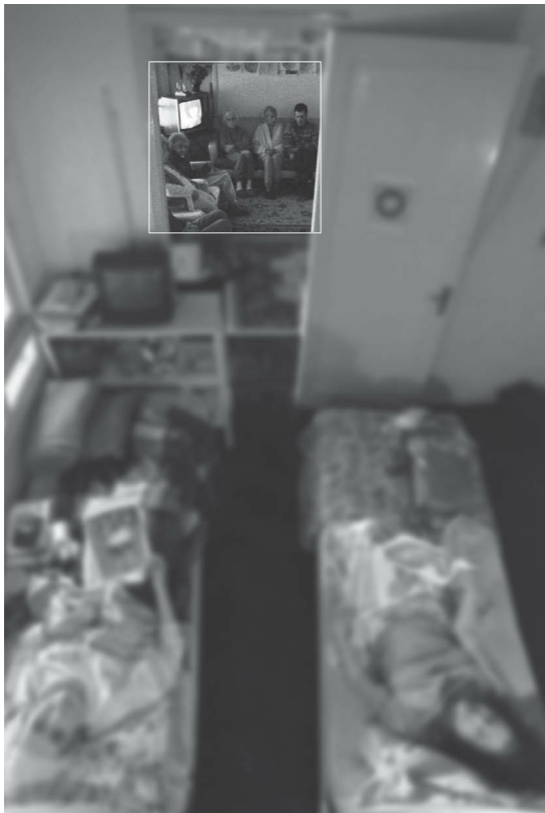
– Você sabe que isso é uma fantasia, que o cavalo é um cabo de vassoura. E mesmo assim galopa por aí num cavalo de pau. Por quê?

– **Sem invenção a vida fica sem graça. Fica tudo muito difícil.**

– Tem gente que acha que você é louco...

– **A verdade é que quem acha que eu sou louco não raciocina.**

[4 de setembro de 1999]



## O exílio

Elas vivem uma ao lado da outra. Uma em cada cama. Duas ilhas que não se tocam. Há algum tempo Vany nem mesmo enxerga Celina. A artrite que lhe devora as articulações não permite que mova o pescoço para a esquerda. Celina vislumbra o perfil de Vany, mas tem o olhar eclipsado pela janela da rua. Duas mulheres em uma geriatria. Exiladas.

Duas náufragas que decidiram expor suas almas na ante-sala do esquecimento.

Antes de Vany Pontes chegar à geriatria, quatro anos atrás, Celina Costa teve outras três vizinhas de cama. Uma morreu e as outras se mudaram.

Então Vany chegou. Desde o primeiro segundo, compreendeu a vista que teria pelo resto dos dias. A porta entreaberta da sala. Foi isso que aterrorizou Vany. Aquele mundo de velhos. Um sentado ao lado do outro. Mas sem se tocarem, sem conversarem. Exilados do outro, exilados de si mesmos. A TV ligada o dia inteiro, mas sem perceberem. Esperando pelo café, pelo almoço, pelo jantar. Pelo lanche.

Um dia perguntaram a cada um o nome dos colegas de sofá. Nenhum sabia. Consumiam os dias um ao lado do outro, mas desconheciam o nome um do outro.

Foi isso que massacrou Vany desde o princípio. O futuro à espreita. Estagnado na mesma cena. A última cena da sua vida exatamente ali, do outro lado da porta.

A doença havia começado a penetrar no corpo de Vany quando ela tinha 40 anos. Professora de História, sempre havia desejado entender o mundo. Então a dor começou. Pelas mãos. Depois pelas pernas. Penetrando pela espinha. A cada dia lhe comendo as horas, o fôlego. Doença de fazer louco, um dia disseram.

Os pais morreram. Sobrou Vany. Que começou a cair. Como se os ossos se liquefizessem. E então a geriatria apareceu como a estrada que não se bifurca.

Da cama, Vany começou a reparar que os velhos não chegavam prostrados. Quando chegavam, ainda havia um elo entre eles e o mundo, entre eles e a vida. Então, as horas mortas iam lhes solapando a consciência e a vontade. Iam lhes roubando o sentimento e o sentido. Um dia se exilavam. Primeiro, morria a mente. Depois, o corpo. A dona da geriatria ocultava a morte, inventava uma desculpa, e o velho sumia da poltrona. No dia seguinte outro tomava seu lugar. A espiral do esquecimento se repetia.

Foram tantas e tantas vezes que Vany assistiu a esse mesmo filme. Rebobinado e rebobinado repetidamente.

Celina, não. Celina escolheu a janela da rua como mundo. Ela sabe quem chega, quem sai, onde o cachorro do vizinho faz cocô, qual é o carro que estaciona em lugar proibido e sempre, invariavelmente, se intriga com a mendiga velhinha, cheia de sacolas, que sobe e desce a calçada sem horário definido. Onde será que ela dorme? Será que ela lava as roupas? Ontem ela usava uma saia bonita.

Apenas um vidro a separá-la do mundo de lá. Do lado, na cama, ao alcance

da mão, uma caixa de sapatos contém toda a sua vida. Um batom, um cartão de Natal não-enviado porque não coube no envelope, um elástico para arrumar as calcinhas, uma medalha de Nossa Senhora. Um radinho de pilhas com o telefone de um pronto-socorro grudado. E as cartas. Celina escreve para o presidente da República, escreve para outros governantes. Para um antigo pretendente, que parou de responder. Será que morreu?

Cartas iniciadas em um caderno e jamais remetidas. Como a escrita em 24 de junho, quando fez 73 anos: “Hoje eu estou completando meus 18 anos...”

Aos 65 anos, Vany decidiu lutar contra a cena emoldurada pela porta da sala. A distância diminuindo dia a dia, o corpo artrítico arrastado para lá como que atraído por um buraco negro. Aterrorizada, Vany pediu a uma amiga, uma artista plástica chamada Dilva Lima, que lhe ensinasse a terapia da arte. Foi quando começou. Carregadas pela voz da professora, Vany e Celina trilharam florestas e mergulharam as pernas mortas em rios imaginários. Sentiram a textura de folhas e flores. Atravessaram tempestades e assistiram a um pôr-do-sol. Nesses intervalos entre a dor e a porta da sala as duas escapavam, quase se tocavam. Apenas seus corpos permaneciam estirados sobre a cama. A mente ia longe. Nessas horas, os dedos retorcidos de uma, as mãos esquecidas de outra desenhavam o movimento perdido. Aprisionavam o movimento imaginado, como se assim pudessem contê-lo. Conter algo em si mesmas de movimento e de possibilidade.

Primeiro, Vany cobriu páginas e páginas de peixes que nadavam. Depois, os peixes viraram borboletas que voavam. A evolução encerrou-se com um ser humano em posição fetal. Um dia Vany desenhou um grande coração, vários corações em camadas, em cores diferentes, um dentro do outro. Nesse dia o coração entrou em colapso e ela teve de ser internada às pressas no hospital. Celina desenhou a si mesma, em cinza e negro, de pé sobre pernas antigas, debaixo de uma tempestade.

Enquanto a pilha de desenhos da alma crescia ao redor da cama, a angústia foi aumentando dentro de Vany. Suas pinturas eram seu legado. Sua tentativa última de explicar o inexplicável. Vany temeu que, quando a dor finalmente a venesse, no dia seguinte mesmo, quando outra ocupasse a sua cama no redemoinho amnésico da geriatria, seu mundo fosse sepultado com ela. Desfeito ao lixo, como se nunca houvesse existido uma Vany tentando buscar o mundo sem pernas que a carreguem. Nem uma Celina escapando todos os dias pela janela da rua.

Foi quando Vany inventou a exposição. Sonhou que seus desenhos poderiam viajar no lugar de suas pernas. Imaginou vendê-los e reverter a renda em benefício de uma creche de crianças exiladas. Acalentou a utopia de que seus anseios sobrevivessem a ela. Fossem livres.

Com a ajuda da amiga, as pinturas atravessaram o quarto, a soleira da porta, e alcançaram a sala. Cobriram as paredes. Mas era previsível. E aconteceu. Os velhos não perceberam a subversão do morredouro. Tô bem surda, tô bem cega, desculpa-se Adélia, 79 anos, que ainda cuida da irmã Josephina, de 87. Augusto desconhece onde está. Pensa que está casado com a dona da casa e que o neto da mulher é seu filho. E Elza, 78, não consegue



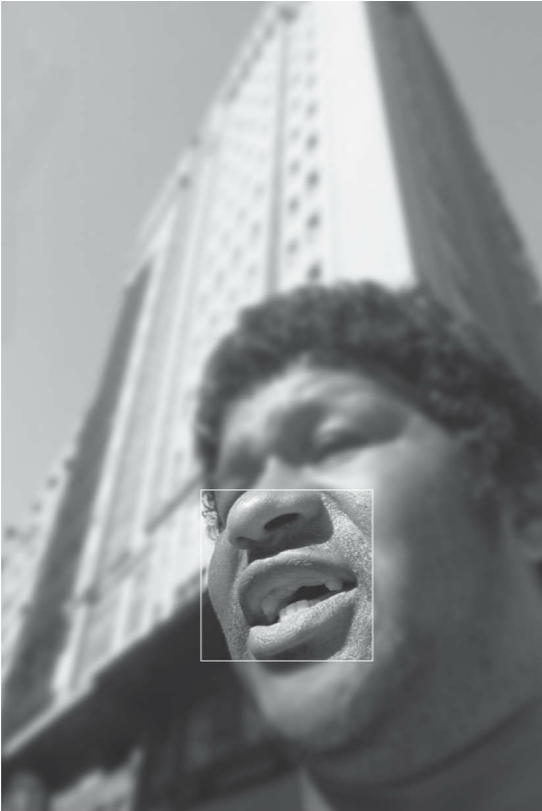
vislumbrar a possibilidade de virar-se de frente para a parede e enxergar. Elza é incapaz de adivinhar a possibilidade de mudar a posição da cadeira. Eu sento de costas para a parede, não vejo nada, murmura, surpreendida que falem com ela.

Vany e Celina perceberam que travavam uma luta desigual contra o exílio. Celina voltou os olhos para a janela da rua. E Vany continuou sua busca pela chave do mundo. Não desistiram. Sem pernas para correr do destino, Vany e Celina resistem. Seguem seu combate silencioso contra o naufrágio da vida.

Poucos foram ver a exposição. Não faz mal. Agora, sempre que Vany e Celina avistam o outro lado da porta, vislumbram mais do que o exílio. Chegaram lá. Com nadadeiras, cores e asas.

Ninguém percebeu, mas Vany e Celina conseguiram o que poucos conseguem. Mudaram a última cena de suas vidas.

**[25 de setembro de 1999]**





expressão artística. E brandiu – apenas brandiu – uma bengala que é uma velha conhecida no centro da cidade. Parece uma bengala, funciona como bengala, tem a maior pinta de bengala. Mas é uma arma. De metal. Clodair Cauby, no afã de defender seu *modus vivendi*, foi também um pouco impublicável, é verdade.

Evelise chegou à conclusão de que pior, muiiiiito pior do que ser reprovada no vestibular para Direito, era ter de repetir o cursinho com Clodair Cauby.

Proprietária recente de olheiras fundas, Evelise escreveu um abaixo-assinado comovente ao 9º Batalhão da Polícia Militar. Nele, relata a “neurose coletiva” que acomete os alunos cada vez que Clodair Cauby solta o dom que Deus lhe deu para compensar o que lhe tirou.

– Ele nos submete a tortura psicológica! Nos agride com palavras! Dá bengaladas! – desabafou Evelise.

Sério, muito sério.

Tão sério que alguns estudantes já cogitaram reeditar um clássico de Hitchcock Pensaram em polvilhar Clodair Cauby com comida para pombos e deixá-lo entregue aos bicos ávidos dos pássaros. Pensaram em mais. Pensaram em... bem, melhor não.

De sua parte, quando abordado sobre o tema, Clodair José Pinheiro Maidana, Clodair Cauby, revira os olhos em sinal de superioridade. Sua voz se eleva acima dessas questões terrenas. Uns nove andares acima, pelo menos. É um homem do Alegrete. Quarenta e dois anos. Fã não de Cauby Peixoto, mas de Renato e seus Blue Caps. Pai de um casal de filhos. Morador do Leopoldina. Zagueiro (obviamente) do seu time de futebol de guizo. Ganha uns R\$ 25 por cada dia de três horas de trabalho, terça a sábado.

– Só saio daqui se me pagarem R\$ 130 por mês. Ou se me derem um emprego de telefonista no curso.

Ponto final. A uns passos de Clodair Cauby, sua mulher, Eva, que conheceu nos dancêres do Instituto Santa Luzia para Cegos, tem uma voz de metais. Triângulo, por exemplo. Faz o *backing vocal*.

– Não posso dar contra no meu marido – explica, toda aguda.

Em casa, ela jura que ele não grita. Muito.

A voz virou caso de polícia, registrado na 17ª Delegacia de Polícia da capital. Já peregrinou pela Justiça. Em 5 de maio, Clodair Cauby prometeu, durante audiência no 3º Juizado Especial Criminal, que gritaria “em tom mais baixo”.

Clodair Cauby não consegue. Gosta de fazer seu trabalho bem feito. Extravasar seu eu mais profundo. Entoar a sorte para o povo de uma ponta a outra da Rua da Praia. Na rua, aliás, é popular. Todo mundo conhece – ele, a voz e a bengala.

– Ah!!!! Não me diz que é o cego que grita? Eu fora!

Um companheiro de metiê com voz de João Gilberto – dá para passar horas encantadoras ouvindo ele cantar a mega-sena em ritmo de bossa-nova – acha que ele poderia controlar o vozeirão, mas prefere não trombar de frente com o colega. Nem de lado. Nem de jeito nenhum. Se até o palhaço que volta e meia saracoteia por lá andou levando umas bengaladas e meio que desengraçou!

Ninguém sabe como vai acabar a história. Embora o povo da rua esteja

apostando em Clodair Cauby por 10 x 0.

Por ora, ela está acabando assim.

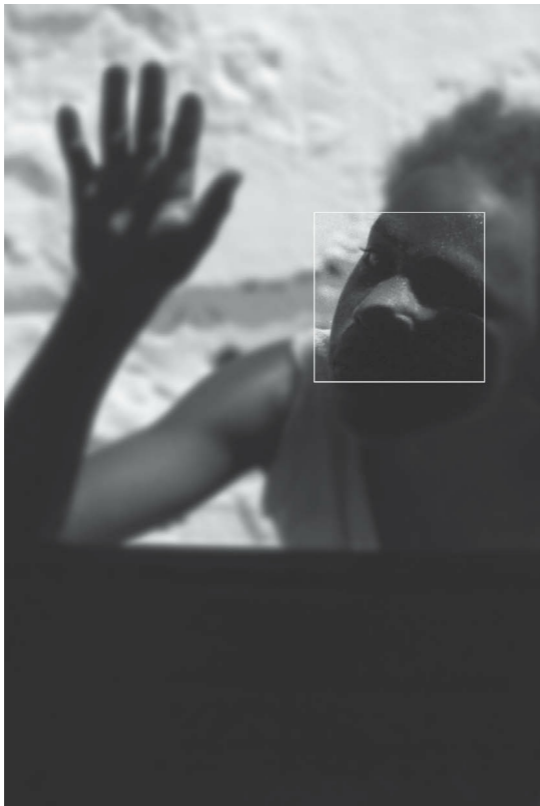
Às 10h, pontualmente, Clodair Cauby e a patroa se encontram em um ponto invisível no meio dos dez passos que os separam, se dão o braço e saem com suas respectivas bengalas rua afora.

No alto do prédio, 450 alunos suspiram de felicidade com a cabeça para fora da janela. Por pouco não fazem ola.

Embaixo, Clodair comenta com a patroa, espriando seu vozeirão de Cauby:

– Sabe, Eva, tu não imaginas a dor de cabeça que me dá gritar desse jeito!

**[27 de novembro de 1999]**



## Sinal fechado para Camila

– Tio lindo, tia linda do meu coração. Eu pergunto a você se não tem um trocadinho ou uma fichinha pra essa pobre garotinha...

Quase com certeza você ouviu esse hino em algum cruzamento de Porto Alegre. Debaixo de um sinal vermelho, o som entrando pelo vidro fechado, ameaçador como um Alien. O som entrando pela janela que você cerrou para se defender do ataque à sua consciência. Você rezando para que o sinal mude de cor, fique verde, não de esperança, mas verde de fuga. Sinal livre para escapar do rosto da menina grudado na janela. Sujando seu patrimônio. Obrigando-o a tomar conhecimento da miséria dela. Você, que paga seus impostos em dia, colabora com a campanha do agasalho, que até é um cara bacana. Subitamente transformado em réu no tribunal do sinal fechado por um rosto ranhento de criança.

Você, quase com certeza, ouviu esse hino. Pois saiba. A menina que o compôs morreu no domingo. Nunca mais ela assombrará a sua janela. A menina se chamava Camila. Camila Velasquez Xavier. Tinha dez anos. Mas os dez anos dela equivalem a cem dos seus. Camila viveu muito, até. No bairro onde ela nasceu, o Bom Jesus, 17 como ela morreram antes de completar um ano em 1997. Camila nasceu na Fátima, uma vila da Grande Bom Jesus. Vila, modo de dizer. Becos e mais becos de barracos amontoados sobre o cimento. Lá, o controle da população é feito ao natural. Só em janeiro, já tombaram quatro. Assassinos citados em notinhas de canto de página.

Camila nasceu na Fátima, num barraco de uma peça. Quando chovia, havia tanta água fora quanto dentro. Em dez anos a família progrediu. Conseguiu um barraco de duas peças. Camila dormia com os quatro irmãos num sofá esburacado ou no chão de tábuas podres porque não havia lugar para todos. Pai e mãe desempregados, o pai um homem triste, de olhos injetados, que descia o braço sobre a mãe sempre que bebia além da conta.

Aos seis anos Camila foi enviada aos sinais para ganhar a vida da família. Logo descobriu que a concorrência era enorme. Que as janelas dos carros eram a versão moderna das muralhas medievais. Camila começou a embelezar sua tragédia. Inventou versinhos que venciam fossos e arriavam pontes levadiças, arrancando um sorriso perplexo dos motoristas. Eu não posso ficar sem você, meu trocadinho. Essa tia, esse tio queridinho vai me dar um trocadinho. Camila conquistou a sua diferença nos cruzamentos da cidade. Seus hinos se espalharam pelas sinaleiras e, mesmo depois de sua morte, seguem ecoando pela boca de outras Camilas.

Aos seis anos, flagrada na rua, Camila entrou pela primeira vez no prédio sem cor da Febem. Entraria ainda outras duas vezes. Na sexta-feira, 15 de janeiro, ela e outras cinco meninas jogaram suas trouxinhas pela janela do prédio. Um ursinho Puff de segunda mão e algumas camisetas compunham o espólio coletivo. Quando a porta se abriu para brincarem na pracinha – uma ficção de armações de ferro que há muito perdeu os balanços e as gangorras, uma ficção como a infância de todas elas – iniciaram sua jornada rumo à

liberdade. Que passou na forma de um ônibus lotado para o centro de Porto Alegre.

No dia seguinte, a direção da casa informou ao plantão do Conselho Tutelar. Que anotou. Estava cumprido o trâmite burocrático. Por todo o final de semana, Camila e suas cúmplices de desamparo vagaram pelas pontes da cidade sem que ninguém as buscasse. Crianças sob a tutela do Estado vagando ao léu sem que ninguém chorasse a sua falta. Fazia calor no domingo, todo mundo lembra. Um calor tão pesado que quase se podia tocá-lo.

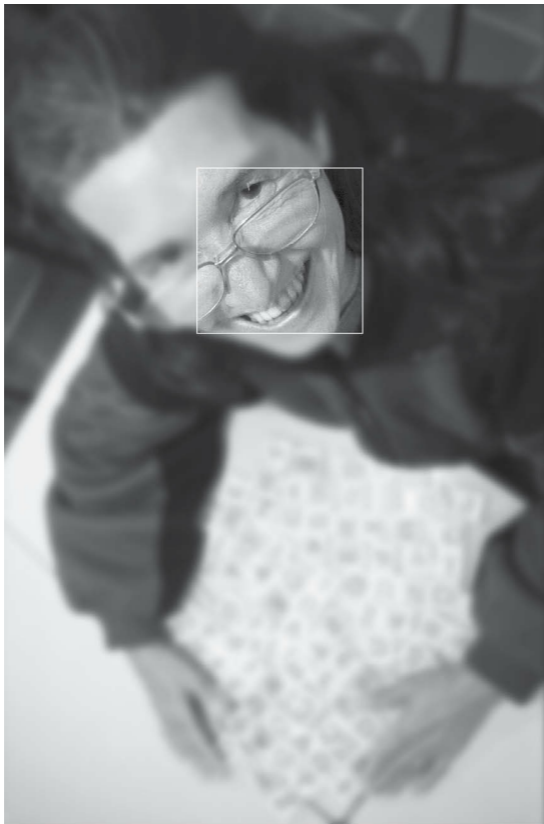
Às 14h, de calcinha e camiseta, Camila e duas das fugitivas mergulharam no Guaíba na altura do parque Marinha do Brasil. Camila não sabia nadar. Debatendo-se como fez durante toda a vida, Camila, a senhora dos cruzamentos, submergiu.

Às 8h de segunda-feira, a notícia da fuga e da morte de Camila despertou a família. Vai ter que esperar porque ainda não abrimos a menina, informou o funcionário do Departamento Médico Legal à mãe quando ela foi recolher o corpo da filha. Camila foi enterrada na manhã de terça-feira, no caixão branco dos inocentes. A Febem pagou o enterro, pagou até uma capela funerária com ar-condicionado. Que lugar mais lindo, repetiam os familiares, assombrados com o espaço tão grande e tão verde da morte. Acompanhada por um séquito de parentes de rostos derrotados, Camila foi enterrada no Jardim da Paz. No cortejo, um único terno. Puído e manchado, envergado por um homem em quem o sofrimento abriu sulcos no rosto. Um homem tentando agarrar a dignidade que escapava como o cós da calça maior do que ele. No cortejo, nenhuma flor para Camila.

Talvez você lembre de Camila. Talvez não. Sua marca registrada, além da cantoria dos cruzamentos, eram os dedos indicador e médio eternamente na boca. Sua imagem desvalida não voltará a assombrar as janelas sob os sinais. Camila morreu. Mas os versinhos de Camila cruzaram o ar e semearam as esquinas. Não se iluda. Você não vai escapar. Há um exército de Camilas pela cidade. Haverá sempre uma delas tentando arrombar o vidro do carro com a urgência de sua fome. Camila morreu. Você, e eu também, somos cúmplices de sua morte. Nós todos a assassinamos. A questão é saber quantas Camilas precisarão morrer antes de baixarmos o vidro de nossa inconsciência. Você sabe? E agora, tio lindo, tia linda, o que você vai fazer?

[23 de janeiro de 1999]





## **Dona Maria tem olhos brilhantes**

Você já reparou nos olhos das pessoas na rua? Muitas têm pupilas opacas e, junto com os ombros voltados para dentro, arqueados como se carregassem uma canga de boi, esculpem a imagem de uma infelicidade crônica, venenosa e que mata devagar. Têm olhos de seca, olhos assassinados. Porque os olhos são os primeiros a morrer. E as ruas estão cheias de moribundos. Quando aparece alguém de olhos brilhantes, dá vontade de parar, pedir licença e intimar: o que você está escondendo atrás dessas pestanas?

Dona Maria tem olhos brilhantes. Maria Alicia Freitas, 55 anos, dez filhos, onze netos e um bisneto, tem olhos brilhantes. Sabe por quê? Porque dona Maria tem um sonho. Descobriu que tinha aos nove anos e conseguiu realizá-lo aos 55. Sim, porque sonhos não se encontram nas prateleiras, não basta atirar o cartão de crédito no balcão e sair com um debaixo do braço. Sonhos são touros xucros. Tem de pegar à unha. É isso ou ficar pelos cantos exercitando a autocomiseração, chapinhando na apatia.

Dona Maria tem olhos brilhantes porque corre atrás do seu. E desde então, deu para ficar com os olhos em facho por aí, alumando o caminho.

Ela nasceu num lugar chamado Paraíso, mas povoado de agruras. Dona Maria, que ainda nem era dona, era pobre. De bens, não de espírito. Os pais logo se apartaram e ela passou de mão em mão como um gato. Se criou assim, carpindo na roça, apanhando feito bicho. Única criança num grotão desgarrado do mundo. Só conheceu outras meninas quando a família se bandeou para um rincão mais habitado. Descobriu que iam a uma tal de escola. E que lá era cheio de letras. Letras distantes como a lua, porque a mãe garantiu que Maria era burra demais para alcançá-las. Aos nove anos, com o peito estourando, Maria jurou: meus filhos vão estudar.

Maria cresceu e virou dona. Pariu nove rebentos em sequência. E quando os dois primeiros ficaram no ponto, avisou ao marido Gomercindo: eles vão estudar. Gomercindo não quis saber do assunto, desde quando filhos de analfabetos precisavam de vogais e consoantes. Dona Maria cerrou os dentes e diz que apanhava, mas os filhos seguiriam para o colégio tão certo quanto o sol nascia. Era 12 de março de 1964, ela lembra muito bem. O barrigão de nove meses estalava de dores quando caminhou arrastando Edir e Marlene pelos seis quilômetros de chão que os separavam da escola da Vila Rosa. Matriculou os dois filhos de manhã, comprou pata de rês para arrancar o mocotó, juntou lenha no mato, lavou roupa no rio Jacuí e ao anoitecer se deitou para parir Juraci.

Trabalhando dobrado para compensar a falta dos filhos na lida, voando com os bofetões do marido, cumpriu seu juramento. João Edir, Paulo César, Juraci, Larri e Toninho, o filho de criação, ela formou na quarta série. Ieda Marlene, Marli Ledi, Marisa Laureci e Marleci Rosane foram até a quinta. Gomercindo Júnior cursa o ensino médio. Tudo à luz de vela, que da outra não havia. Há 15 anos morreu o marido. Há dez, dona Maria encontrou o amor debaixo de um chapéu de barbicacho. Todos acharam que o destino havia se cumprido. Porque não conheciam bem dona Maria. Um belo dia, pouco mais de um ano atrás, ela

cravou o olho no amado e sentenciou: Eu vou pra perto da capital procurar as letras. Se tu quiser vir comigo, tu vem porque eu te amo. Se não quiser, eu vou sozinha. Meu sonho é maior que tudo.

O amado ficou. Dona Maria pegou emprestado o caminhão da olaria, botou suas tralhas por cima, os 800 reais das economias, um rancho para escapar da fome e se foi para Viamão, a um passo da capital. Partiu sem se despedir, que era para não afrouxar. Matriculou-se a primeira vez. Durou uma semana e faltou professor. Inscreveu-se uma segunda. A professora desistiu. Dona Maria se desesperou: professora, eu larguei a minha casa, a minha terra, o amor da minha vida para estudar. Não me deixa. Eu preciso aprender a ler.

E, para sua surpresa, chorou. Matriculou-se mais uma vez. E de novo o alfabeto fugiu com a professora. Até que o neto apareceu com um bilhete da prefeitura perguntando se alguém ali tinha curiosidade com o ABC. Dona Maria se largou no rumo da escola. Dessa vez, a professora, Neiva Rosa, não a deixou. De segunda a quinta-feira, depois de trabalhar como doméstica e babá, dona Maria pega a trilha da escola ao anoitecer. Encara 45 minutos de caminhada lomba acima, porque dinheiro para o ônibus não tem. Vai para dentro do seu sonho. Vai com os olhos alumiando o caminho.

## LENDO O MUNDO

– Diga aí, dona Maria, o que a senhora está escondendo por trás dessas pestanas?

– **É o seguinte. Eu me sentia a última das pessoas. Sei costurar, fazer roupa de homem, de mulher e de criança. Sei bordar, fazer crochê e tricô. Mas o que adianta isso sem saber ler? É como estar com sede e tomar refrigerante. Eu preciso de água.**

– E o que é não saber ler?

– **Não saber ler é o mesmo que ser cego. É não saber o que tem do outro lado da parede.**

– Qual foi a primeira palavra que leu?

– **Igreja. Vi o “i”, aí comecei a pensar. E fui juntando. E deu “igreja”. Nossa, me deu uma coisa. Foi quase como o primeiro filho. Porque o que eu mais quero é ir na igreja, pegar a folhinha e ler.**

– Qual foi a palavra mais difícil?

– **Providência. É muito dobrada.**

– Me conta uma palavra esquisita.

– **Esquisita, esquisita, não sei. Mas vou contar uma. Meus filhos me deram**

uma geladeira. A primeira da minha vida. Nove vezes de 88 reais. Eu tava esperando e comecei a ler a palavra. Ia até um pedaço, parava, voltava de novo. Era umas quantas letras. Ai eu li “crediário”. Cutuquei meu genro: “Darmir, Darmir, aquilo lá não é crediário?” Meu genro, que é um homem peludo, se arrepiou todo.

– E isso mudou a sua vida?

– Sabe flutuar? Quando pego meu caderno e leio, parece que tô flutuando. O mundo fica mais bonito, o céu fica mais azul e o verde, mais verde.

– O que dá dentro da senhora quando lê?

– Cada palavra que eu consigo ler é um horizonte que tá se abrindo na minha cabeça. E eu vou correr atrás dele. Ah, eu vou mesmo.

– E até onde a senhora vai com isso?

– Não sei onde as letras vão me levar. Tô bem desconfiada que isso não para mais.

– Depois de ler a folhinha da igreja, o que a senhora quer ler?

– Eu quero ler em quem eu vou votar. Até agora fui pelos outros. Agora, quero ler, analisar e votar.

– E afinal, o que é ler?

– É assim. Eu achava que letra era letra. Era como uma toalha de mesa. Não tinha vida. Esses dias tava no colégio, olhei e descobri que as letras têm vida. Eu leio e elas conversam comigo, me dizem o que eu preciso. Contam coisa que eu nem imaginava. Tipo “M” de Maria, né? É só um “M”, mas quando junta tudo, a Maria fala comigo. A Maria fica viva.

[22 de maio de 1999]



## O doce velho dos comerciais

Você já o viu. O doce velho dos comerciais. Cabelos de neve, barba de merengue e olhos azuis faiscantes. Um sorriso que parece refletir a paz que a humanidade sonha para o terceiro milênio. Desfiles, anúncios, comerciais de alimentos, de bancos, de companhias telefônicas. Toda vez que as produtoras precisam de um vovô amoroso, de um senhor idoso que alcançou a plenitude da vida com o rosto da saúde e da bonança, é a ele que procuram. O doce velho dos comerciais. Com um neto no colo, numa cadeira de balanço, de braço dado com uma avó ou simplesmente mirando o horizonte na certeza do futuro. Esse é o doce velho dos comerciais. Seu nome, David Dubin.

Você já o viu. Estava esquelético, as costelas esticavam a pele cinzenta. Foi torturado, arrastado pelo chão. Estava nu. Foi cuspidado, chutado, riram na sua cara. Arrancaram tudo dele. Enterraram vivos aqueles a quem amou. Conheceu o pior do homem. Conheceu o impronunciável do homem. Você já o viu. Em filmes, em documentários, em fotografias de jornais e de revistas. O que você não sabia é que seu nome também é David Dubin.

Esse é o mistério. Que David Dubin seja ao mesmo tempo aparência e sentença. Que seja ao mesmo tempo o doce velho dos comerciais e uma vítima destroçada do holocausto. Que seja o desejo do futuro e o espectro do passado. Que seja um passado que não viveu no mundo da imagem e um pretérito que não consegue esquecer no mundo real. Esse é o paradoxo de David Dubin. E o paradoxo de David Dubin é, com seu avesso de morte, a possibilidade da vida. Porque a vida só é possível quando cada um consegue, apesar de seu holocausto pessoal, ser também o doce velho dos comerciais.

É isso. Ou um tiro na cabeça.

Foi um tiro na cabeça que David Dubin tentou naquele ano de 1944. Depois de vencer torturas e humilhações sem nome, ele chegou à cidade polonesa de Pinsk, que acabara de ser libertada. A cidade onde havia passado toda a sua vida. O primeiro a encontrar foi seu melhor amigo, seu vizinho de porta:

– David, como é que ainda não te mataram?

Foi assim que David descobriu que a guerra não acabaria. Estava no coração dos homens. Batendo de casa em casa, era um sobrevivente estropiado e quase louco de dor, perguntando pelos seus. Não achou nem casa. Nem família. De frases esparsas e temerosas reconstruiu o assassinato daqueles que amava. Dos seis milhões de judeus sacrificados pela intolerância, 40 pertenciam à família de David, 40 tomaram em Pinsk. Entre eles, a mãe, a mulher Taibel e a filha Bluma (Florzinha, em português), de menos de um ano de idade.

David descobriu que foram abertas quatro valas em Pinsk, uma em cada canto da cidade. E que todos os judeus foram fuzilados. Todos os 30 mil judeus de Pinsk. E que muitos não morriam e já eram atirados nas valas. E sobre eles eram atirados outros. E morriam asfixiados. E muitos foram enterrados vivos. Primeiro pela massa humana, depois pela terra jogada por cima. Contaram a David que a terra tremia pelo desespero dos que ainda respiravam. E que por dias a fio o sangue brotava do chão. E, por mais que limpassem, a terra seguia parindo

sangue porque estava ferida de morte. E porque o sangue era muito.

Ali, pisando sobre sua vida assassinada, David descobriu que sua família não havia sido morta pelos nazistas. Eles haviam sido apenas mandantes. Sua família foi morta pelos melhores amigos, pelos vizinhos de porta. Pelos ucranianos e lituanos que dividiam seu bairro miserável. Os seus foram mortos por aqueles com quem conviveram por uma vida, com quem haviam trocado as boas e as más notícias, padecido da mesma fome. Foi então que David pegou seu revólver e mirou-o na própria cabeça. Outro sobrevivente segurou o braço:

– David, tu lutaste, conseguiste sobreviver. Não sejas agora um covarde.

E então David Dubin escolheu a vida. E chegou aos 86 anos de idade com o coração de um sobrevivente do holocausto e a aparência de um doce velhinho de comerciais.

– Não sou eu que falo. É o meu coração. Falo com lágrimas. Falo porque não esquecer é a minha vingança. E o que será escrito é a minha arma. Não aceitei indenização. Não vão comprar a alma da minha família.

David Dubin conta sua história na sala do seu apartamento, em Porto Alegre, cercado por retratos do passado e do presente. Honesto, ele avisa que não contará toda a história. Porque nunca a contará completa. Porque há coisas que não devem ser ditas. E há tragédias que morrerão com ele. Porque David aprendeu há muito tempo que lembrar é viver de novo. E quando ele começa a contar, logo precisa parar, porque os olhos embaçam, o corpo treme e o coração ameaça se abrir mais uma vez.

Outras vezes, a história é interrompida porque a moça da agência de modelos liga requisitando-o. Em seguida, é a vez da funcionária da produtora. Depois de contar sua trajetória de morte, David Dubin fez um comercial para uma rede de farmácias. Era de novo o doce velhinho dos comerciais.

\* \* \*

A guerra de David Dubin tem bem mais de dois mil anos. E ele nasceu em muito má hora. Aos cinco anos, o pai foi fuzilado na Primeira Guerra. No intervalo entre uma e outra, David cresceu apanhando nas ruas por ser judeu, sem conseguir emprego por ser judeu, sem direito ao futuro por ser judeu. Sem conseguir casar com a mulher que amava porque era pobre demais. Sem sapatos, comendo um pepino ou um pão duro por refeição. Criado pelo avô, com a mãe e os três irmãos, num casebre da cidade polonesa de Pinsk.

Quando chegou a hora de cumprir o serviço militar, atiraram David na cavalaria. Porque não conhecia cavalos. Era o castigo por ser judeu. Aprendeu a domá-los à força de uma vontade de ferro, nascida do riso, das ofensas. Quando domou o primeiro, deixaram de chamá-lo “judeu” para chamá-lo Dubin. Foi assim, agarrado às crinas do bicho, que David soube que era um sobrevivente antes mesmo de começar a guerra declarada.

Quando estourou o combate, David lutou com as cores da Polônia. Foi feito prisioneiro com sua tropa. Divididos em filas: judeus de um lado, cristãos do outro. David decidiu salvar-se. Entrou na fila dos cristãos. Foi salvo pelos olhos

azuis, os mesmos que hoje encantam nos comerciais de televisão. Depois, ele soube, a sua tropa de hebreus tinha sido castrada e fuzilada.

David Dubin batizou a si mesmo de Ian Krinstalski. Foi esse o nome que carregou durante a guerra. A cada noite os arrancavam do galpão e os contavam. O décimo era fuzilado. David fugiu mais de uma vez. Voltou para Pinsk, ocupada então pelos russos, ao final de 1939. E se casou com o seu amor porque era um mundo sem tempo. E fizeram uma filha no meio da morte. Logo, em 1941, os alemães ocuparam a cidade. David foi obrigado a fugir mais uma vez.

Fez trabalhos forçados na Sibéria, caminhou sobre os corpos dos mortos, se alimentou de ratos. Alcançou a sua Pinsk e descobriu que tudo o que ele era estava morto.

Quando guardou o revólver e escolheu a vida, David partiu para a Rússia. Lá conheceu Olga, uma judia cujo marido fora morto na guerra, e seus três filhos. Resolveu que ele, que jamais havia pronunciado a palavra pai, seria o pai daqueles meninos. Porque órfãos, afinal, eram todos eles. Assim formaram a sua família de rebentados, colando a sobra de um na carência do outro. Assim voltaram à Polônia e constataram que a guerra continuava fermentando nas entranhas dos homens. O escárnio não havia cessado, as portas seguiam cerrando na sua cara e muitos achavam que seis milhões assassinados ainda era pouco.

David Dubin decidiu escapar. Para algum lugar do mundo onde o dedo do racismo não apontasse para ele. Nem para os seus. Porque perder uma família era muito, perder duas era impossível. Para conseguir passar a fronteira guardada, primeiro despachou as crianças em um trem carregado de órfãos para a Áustria. Dias depois, David jogou Olga pela janela de outro trem, porque dinheiro não tinham, e dependeu-se no vagão. Resgataram as crianças minutos antes que partissem para a adoção em terras distantes. E seguiram sua saga.

Anos depois alcançariam o Brasil. Quando desembarcaram no Rio de Janeiro, um judeu desconhecido os esperava no porto. Ofereceu um maço de cigarros. David Dubin chorou. Era a primeira vez em sua vida que fumava um cigarro inteiro. Não falava uma palavra em português, não tinha um tostão. De seu, só um passado que não poderia esquecer e uma família de sobreviventes.

Foi com isso, e com a coragem, que David Dubin iniciou a vida depois da morte. Montou uma fabriqueta de vestidos e começou o seu comércio em Porto Alegre, onde um irmão o esperava. Há quase 15 anos, o coração de Olga desistiu de bater. David seguiu sua existência. Canta em coral, faz mágicas, até pouco tempo dançava. Preside um grupo de terceira idade com o nome de Viva a Vida. A cada aniversário reúne os cinco filhos, os oito netos, os quatro bisnetos e dezenas de amigos e parentes. Pede a Deus mais um ano de vida e convida a todos para a próxima festa. Porque um dia, num ponto remoto do passado, no outro lado do mundo, David Dubin decidiu que sua vingança era não morrer.

– Na vida, é preciso que isso seja compreendido, a gente acostuma com o gosto doce e também com o amargo.

David Dubin, o doce velhinho dos comerciais, tem o gosto amargo da morte na boca. Um dos mais velhos sobreviventes do holocausto, ele contou sua história à equipe de Steven Spielberg, que veio a Porto Alegre para ouvi-lo. Lembrar é viver de novo, ele já havia dito. Tempos depois da entrevista, o coração não



suportou e foi resgatado com três pontes de safena. Enquanto era levado ao hospital, cantava velhas músicas do avô em iídiche.

– Os nazistas me surraram tanto que eu já não sentia mais dor. Pedia que me matassem porque tinha parado de sentir.

Tempos atrás, um médico aproximou-se com uma injeção. David saltou sobre ele. Só o soltou quanto a seringa desapareceu de suas mãos. Dias atrás, deu uma palestra a estudantes. Quando olhou para a plateia, ela havia se transformado em um exército de nazistas. David começou a tremer.

David Dubin não pode esquecer. Nem contar tudo. Sua vida resume a tragédia da humanidade:

– Minha família foi morta pelos vizinhos de porta.

Uma frase que poderia ser dita agora por um palestino. É esse o drama que David Dubin não cansa de repetir. Mesmo que repita milhares de vezes, surpreende-se a cada uma. A mão que assassinou sua vida era a do vizinho de porta. A mão que assassinou sua família já havia apertado a sua. A mão do assassino era uma mão igual a sua. Esse é o horror. Essa é a parte para a qual não existe esquecimento.

David Dubin é o seu nome. Enquanto aparece nas telas de TV com seu sorriso doce, há um outro igual a ele que desperta à noite vendo sempre o mesmo filme de horror. Um e outro são o mesmo. David Dubin está vivo porque ambos são verdadeiros.

Esquecer não é possível, viver sim. David Dubin, o doce velhinho dos comerciais, ainda guarda o revólver que um dia apontou para a própria cabeça.

**[10 de julho de 1999]**



## O homem que come vidro

Do interior de um círculo de cacos de vidro, em frente ao Mercado Público de Porto Alegre, o homem franzino, pouco mais que um graveto de pele, me fez, à queima-roupa, uma pergunta abissal:

– Moça, me diz uma coisa. Tu acha que eu devo continuar comendo vidro ou devo desistir, voltar para a minha terra e plantar uma rocinha?

Fiquei muda. Ele deveria ou não continuar comendo vidro? Então compreendi. Jorge Luiz Santos de Oliveira, batizado assim 35 anos atrás, tinha o sonho de ganhar a vida comendo vidro. Porque comer vidro é a arte de Jorge Luiz. É o que desde cedo diferenciou Jorge Luiz da massa triste de todos os Jorges, da longa fileira de colonos de São Jerônimo, terra carvoeira, escura, de gosto acre. Foi mascando seu chão pedregoso que ele descobriu que era um ser único no mundo, apesar do mesmo rosto melancólico, da mesma pele esticada sobre os ossos. Foi mastigando pedras para espantar os vermes que lhe subiam pelas tripas que ele desbravou a sua arte. E para quem regurgitava pedras, o vidro não metia susto.

Jorge Luiz passou a deglutir garrafas de cerveja, de conhaque, até champagne. Transformou-se, como diz seu desajeitado cartaz de papelão, no Homem de Aço. E assim, ruminando um litro de uísque, *on the rocks*, Jorge Luiz me fez a pergunta de sua encruzilhada. Tudo porque Jorge Luiz estava deprimido. Lágrimas boiavam nos olhos do homem que engolia cacos.

Jorge Luiz não tinha público, a tragédia inescapável de um artista. Fez o tradicional círculo de água para chamar sua plateia, mas ela não veio. Estavam todos lá, ao redor de um índio que mostrava um lagarto vivíssimo dentro de uma caixa e vendia umas pomadas milagrosas vindas, garantia ele, diretamente da Amazônia. Antes, Jorge Luiz tinha tentado realizar seu espetáculo na Esquina Democrática, mas foi embora ao avistar o dono do ponto, o magistral Rambo Brasileiro e seu respeitável feixe de músculos.

O Homem de Aço bandeou-se então para o Largo Glênio Peres com todas as suas riquezas: um chapéu de couro, um saco de cacos de vidro, uma foto do casal de filhos e um bilhete escrito por ele mesmo em que jura amar para além da vida a esposa que morreu atropelada dois anos atrás. Tatiane, eu tiamo, assim, grudado para que não seja separado da mulher da sua vida novamente nem pelo vácuo da gramática.

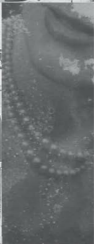
Quando o encontrei, Jorge Luiz acabara de estraçalhar um canino com o caco de uma garrafa importada que havia arranjado numa cesta de lixo. Vidro duro, assombrou-se o Homem de Aço, um fio vermelho-escuro escapando pelo canto da boca. Contou-me que seu ídolo e inspirador era o Homem-Avestruz, que engolia bolas de sinuca. Cadeados com a chave e tudo estômago abaixo.

Jorge Luiz não entendia por que as pessoas preferiam ver um lagarto sem graça fazer coisa nenhuma a assistir a um homem comer vidro, deitar-se sobre vidro, caminhar sobre vidro. Não compreendia um mundo em que um homem comendo vidro não causa espanto.

Ficamos os dois ali, olhando feio para o lagarto. Depois fui embora, sem

responder à sua pergunta de abismo. O Homem de Aço não estava preparado para a maior de todas as dores: a da invisibilidade.

**[6 de fevereiro de 1999]**



## O álbum

O álbum foi jogado no lixo em um final de semana de agosto. Atirado na calçada estreita da rua Lima e Silva, na Cidade Baixa. O bairro boêmio de Porto Alegre, com bares e sobrados de moradia, velhas famílias e novos bêbados. Era um fim de semana chuvoso, enlutado, quando o velho álbum foi condenado à morte. Álbum de capa preta e verde, um banquete de cupins por cada página de cartão. Ficou ali, ao relento, não se sabe por quanto tempo, misturado aos restos da vida comezinha.

Um gari de quem não se suspeita o nome olhou para o álbum e recusou-se a carregá-lo. Ou então foi algum passante. Alguém decidiu alterar o destino do álbum. Arrancou-o do lixo e o depositou no prédio rosa, antigo, de número 1170. Atravessou-o pela grade e deixou-o a salvo, esperando que ali vivesse o autor da sentença. Dando ao proprietário daquelas recordações a chance rara de dar marcha a ré no tempo.

Como fazia todos os dias, uma moradora levou o cachorro para urinar na rua e quase tropeçou no álbum. Não quis tocá-lo. Chamou a vizinha Venise de Meneses, que, abismada, o recolheu. Venise tem 48 anos, um casal de filhos quase adultos e diferenciou-se no bairro por um talento singular. Venise costuma dar valor ao que ninguém mais dá. Resgata coisas abandonadas e as recupera, transformando-as em objetos de desejo. Venise tem o dom de dar importância ao desimportante, de dar significado ao insignificante. Por isso foi a escolhida quando a triste figura do álbum foi descoberta, encostada à parede do prédio rosa.

Venise aconchegou o álbum ao colo e levou-o até o apartamento. Devagar, temendo desfazer algum encanto, mergulhou na vida que o álbum lhe oferecia. Em dois meses, conhecia cada rosto. Teceu caminhos, adivinhou destinos. Enredou-se em cumplicidades. Tentou incursões em busca do dono do álbum, do proprietário daquela vida, mas não encontrou nenhum fio. Como se o álbum tivesse brotado na calçada, os laços todos despedaçados.

Chegou novembro e o álbum seguia queimando as mãos de Venise.

Embrulhado para presente em papel-manteiga, o álbum que alguém não quis foi despachado para a vida que ninguém vê.

E talvez coubesse perguntar o que cada um dos envolvidos na salvação do álbum deseja, com desespero e com devoção, salvar realmente. Talvez valesse questionar o que, em verdade, está em jogo. A ameaça contida em um álbum jogado fora, em uma vida atirada ao esquecimento.

\* \* \*

O álbum foi dado com amor a uma moça chamada Carlita. Ou seria velha, a Carlita? Provavelmente moça. Por causa da dedicatória de 11 amigas, no primeiro dia de julho de 1955. Seria aniversário de Carlita? Casamento? Crisma? Como saber? O que essas 11 mulheres desejavam a Carlita naquele dia? Iara,

Clara, Eny, Cleonita, Lêda, Lory, Olga, Alice, Irma, Celina e Helena. O que se deseja a alguém quando se dá um álbum? Um álbum vazio é uma vida a ser preenchida, um destino por escrever. O que se desejaria a uma moça em 1955? Um marido, provavelmente. Com a pinta do Marlon Brando. Filhos, quase com certeza. Mas não apenas isso. Uma pequena subversão, talvez. Aventuras, Hollywood, o mundo. Um álbum em branco é todo possibilidade. Como são as vidas em seu início. As vidas ainda por viver.

As moças – as de ontem e as de hoje, as de sempre – sonham com uma vida que não seja a de suas mães. Uma vida onde o coração bata não por hábito, mas por gozo. Carlita, provavelmente – e tudo com respeito ao álbum é somente probabilidade –, não seria diferente.

Seu álbum se inicia contando a história de quem teve o cuidado de recolher cada rosto de sua vida. Os gravados em seu destino e também os fugazes. É um álbum feito de idas e vindas. Avança a década de 60, recua aos anos 30, em vaivém descontinuo.

O que esse álbum, guardado com zelo por mais de 40 anos, fazia numa lixeira de Porto Alegre? Com fotos arrancadas, peças roubadas do quebra-cabeça. Como olhos vazados em um rosto. De quem era a mão que o sentenciou? Que paixão a movia? Ou seria apenas uma mão indiferente que encontrou um álbum que não lhe dizia respeito no fundo de uma gaveta? Ou teria sido carregado por um ladrão descuidado que mais tarde despojou-se do que acreditava sem valor? Como saber se o crime foi premeditado? Passional ou casual?

Carlita, certamente, nunca imaginou que esse fosse o destino último de sua vida. Talvez ela seja a moça de cabelos negros e olhar meigo das primeiras páginas. Junto ao homem que raramente parece vê-la. Mas essa é uma história para depois. Suas raízes talvez estejam cravadas na casa de tábuas, humilde e generosa, plantada sobre uma propriedade rural. Uma família numerosa, orgulhosa do trabalho. Orgulhosa de sua terra, do lar construído. O rapaz com pose de James Dean sobre a bicicleta estalando de nova, o menino com a gaita, a noiva com o buquê de copos-de-leite. A matriarca dando milho às galinhas, moendo cana, mexendo a geleia no tacho com larga colher de pau. Os homens com a enxada nas costas, a cavalo. A semente e as colheitas. As pequenas conquistas que tecem uma vida verdadeira. Porque a vida nada mais é do que essa trama de detalhes que só fazem sentido para quem os viveu. E que mais tarde se desfazem no tempo. Ou no lixo. Porque ninguém mais dialoga com eles. Porque jazem obsoletos como uma língua morta.

A casa onde talvez tenha nascido Carlita é feiosa, mas viva. Tem meninos que posam para o retrato com polegares pendurados no cós das calças como cowboys do cinema. Tem meninas que se enfeitam com vestidos de pano xadrez como mocinhas da cidade. Tem raras visitas à capital. Veraneios em Torres. E as fatiotas envergadas para a ocasião da fotografia. Incômodas domingueiras sobre a poeira, sob o sol que queima. Necessárias para provar que vieram e venceram. Conquistaram seu lugar na Terra. Têm um chão, uma casa e uma família. E as pequenas delicadezas que emprestam sentido à sua passagem pelo mundo.

O álbum se rompe, transmuta-se. Carlita parece que se esvai, desmancha-se em outra vida. A de um espanhol chamado Angel Santos. Seu marido, é possível. Talvez o homem moreno que olha para a câmera quando ela olha para ele.

Quanto mais a vida de Angel se esparrama pelas páginas do álbum, mais a de Carlita desaparece, fundida à outra. É diversa agora a família que povoa o álbum. Família de Lugo, na Espanha. Família partida quando Angel abandona a Galícia por razões que não se presume. Tecida por homens e mulheres vestidos de preto, eles de colete, elas com a cabeça coberta pelo lenço. Também eles tão iguais, comemorando suas pequenas vitórias, registrando também as desditas, porque na vida há o tempo da fartura e o da falta. E aceitar o imutável dessa lógica é parte do segredo de viver.

Pilar e Aniceto são os irmãos de Angel. Conchita e Manolito, os sobrinhos. É Conchita, com seus olhos de corça, quem passa a escrever o álbum, contando ao tio “y su mujer” o que transcorre na terra de antes. Dedicada, atenciosa, como é essa espécie de mulher a quem cabe amalgamar a família que se desfaz entre dois mundos. Doce Conchita que vai narrando a vida no outro lado do oceano. Os nascimentos, os casamentos, as mortes. O ritual da vida em qualquer parte.

A vida como um filme em língua estrangeira. A vida de Angel, que não se revela como Carlita. Que deixa que outros a contem. Até quase o final. Que anseios haveria no coração desse espanhol? Por que partiu de sua Espanha? Com que sonharia ele? De que matéria era feita sua saudade? Angel não diz. Não ainda.

É um álbum desordenado todo ele. Como são as vidas. Essa é, em parte, a diferença entre a vida e a literatura, onde os personagens, por mais irreverentes, têm todas as saídas e as entradas em cena calculadas, fazem todos um sentido na trama. Na vida, não. Rostos somem e outros aparecem, e outros que sumiram reaparecem mais tarde, e outros nunca mais. É poucas vezes esse entra e sai faz algum sentido, porque na vida tudo é caos e descaminho, tudo é encontro e desconcerto. É por isso também que esse é um álbum estranho. Não apenas porque foi atirado à morte, mas porque é fiel à desordem da existência. Seja de quem for a mão que o reescreveu por último, obedecia a uma lógica diferente da que move a maioria dos humanos, porque não tentou ordenar o caos de sua própria vida.

A existência, toda e qualquer, é uma mera alternância entre a vida e a morte, entre crianças e velhos. Uma sucessão de nascimentos e enterros, os enterros para lembrar da finitude, e os nascimentos para garantir que a natureza se refaz. Onde o tempo obedece não à linha reta da aspiração humana, mas ao círculo de uma sabedoria mais antiga. Um álbum em círculos povoando a linha de uma, de várias vidas entrecruzadas. Casamentos, colheitas, batizados, copos-de-leite, enterros, gaitas, crismas, bicicletas, saudades, veraneios, casamentos, colheitas, batizados, copos-de-leite, enterros... Detalhes corriqueiros. Tão pouco, tudo.



O álbum chega ao fim com um solavanco, surpreendente desenlace. O álbum que começa com Carlita termina com Angel. Teria Carlita sucumbido? O que foi feito de seus sonhos, de seus suspiros?

É um Angel solitário que termina o álbum.

Quanta ironia a dele, ao escolher a última página para colar a foto de duas coristas que deixaram um rastro de seu perfume adocicado na Porto Alegre dos anos 60. O álbum que se inicia com o mosaico de rostos da vida de Carlita se encerra com as coxas opulentas da mulata Isa de Souza, que ocupou o palco do antigo Teatro Palermo e, talvez, também o coração e a cama do suposto marido.

Mas não condenem esse Angel sobre quem há tão poucas certezas. Talvez ele tenha tentado avisar que a vida não é feita apenas de claridades. Talvez tenha alertado que há algo de selvagem sobre a superfície envernizada de todas as existências. Talvez tenha tentado escapar de qualquer redução e escolhido a verdade. Talvez tenha desejado que o compreendessem por inteiro. Talvez não tenha pensado nada disso e tenha sido outro que decidiu delatar o oculto em Angel.

O álbum é misterioso como são todas as vidas. Misteriosas e prosaicas, com sua vitrine de sentimentos desentendidos. O álbum que se inicia com a dedicatória a Carlita, com a inocência de seu nome, se encerra com a letra de Angel fazendo sua própria confissão, seu testamento na língua natal. Amargo, um pouco. Destroçado, com certeza. Ambíguo como sugere o nome. O álbum que começa como promessa termina como lamento. A vida no meio.

É assim que Angel escolheu encerrar o álbum que se iniciou com Carlita:

*Al llegar a la página postrera  
de la tragicomedia de mi vida,  
vuelvo mi vista al punto de partida  
con el dolor del que ya nada espera*

*Cuanta bella ilusión que fue quimera!  
cuanta noble ambición desvanecida!  
Sembrada está la senda florecida  
con las flores de aquella primavera!*

*En esta hora fúnebre y sombría,  
de severa verdad y desencanto,  
de sereno dolor y de agonía,*

*Es mi mayor pesar, es mi quebranto  
no haber amado más, yo que creía  
yo que pensaba haber amado tanto.*

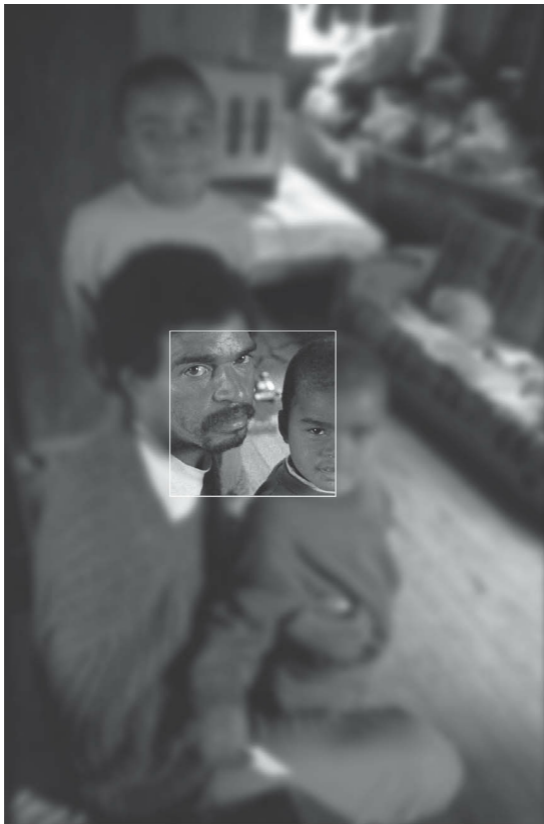
Marcos Antonio Dutra tem as lembranças de seu primeiro, terceiro, quinto e décimo aniversários no álbum. Ele faz 50 anos no dia 24. Mora na zona norte de Porto Alegre, tem dois filhos, trabalha na Caixa Econômica Federal. Quase não tem mais cabelos. Ele não sabe que papel desempenhou nessa tragicomédia. Sequer conhece Carlita ou Angel. Não reconhece rosto algum além do seu. Marcos desconhecia ter sua face impressa nessa vida enovelada entre tantas.

Uma vida só faz sentido para quem a viveu. Para todos os demais é um quebra-cabeça onde nada encaixa. Toda fotografia é puro anseio por permanência, por salvar o que já não existe, agarrar o que escapou. Um álbum esquecido está roubado na essência. Porque um álbum só existe para recordar, manter a vida viva. Por isso arde. Por isso três estranhos desafiaram as moiras e teceram um novo fio para ele.

Para que cada um e todos possam salvar suas próprias vidas por mais algum tempo. E contrariar, enquanto possível, o que Angel Santos tão bem adivinhou. A quimera que acaba por se tornar tudo que já não é. Ou nunca foi.

**[20 de novembro de 1999]**

**O DIA SEGUINTE**



## Depois da filha, Antonio sepultou a mulher

No entardecer de 22 de junho, um homem chamado Antonio Antunes, 37 anos, sepultou a filha numa cova rasa do Campo Santo, no Cemitério da Santa Casa, em Porto Alegre. Ao final do enterro, Antonio, descascador de eucalipto no município de Butiá, pronunciou uma frase que calou os poucos que o acompanhavam no Campo Santo:

– Esse é o caminho do pobre.

Antonio sabia o que estava dizendo. Mas não tinha ideia de o quanto a frase se revelaria ao mesmo tempo sentença e profecia. Cinco dias depois de sepultar o bebê, sua mulher, Lizete, morreu num leito de hospital.

Cláudio Ribeiro, diretor do Hospital Fêmima, o primeiro estabelecimento de saúde onde ela foi atendida, na capital gaúcha, explica que Lizete morreu de um acidente vascular cerebral (AVC), resultado do grande volume de sangue perdido. A criança sucumbiu por asfixia antes do parto. Mas o que matou Lizete e sua filha foi provavelmente uma criminoso conhecida: a saúde pública. Muito além do AVC, Lizete foi assassinada aos 26 anos – e sua filha antes mesmo de nascer – pela pobreza.

Acompanhe o calvário de Lizete.

Na sexta-feira, 18, ela tinha dois dos quatro filhos internados com pneumonia em hospitais de cidades diferentes. Luiz Oscar, de cinco anos, lutava contra a doença na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Santo Antônio, em Porto Alegre. Fernanda, de seis, ocupava um leito do Hospital de Butiá. Luiz Oscar e Fernanda sofrem de paralisia cerebral e jamais caminharam. A conselheira tutelar Maria Helena Villodre Rodrigues, de Butiá, diz que as duas crianças tiveram paralisia cerebral em decorrência de problemas nos partos, realizados em hospitais da região carvoeira.

Era a quinta gestação de Lizete. A conselheira conta que não sabia sobre a gravidez. Antonio afirma que a mulher estava no oitavo mês. No encaminhamento da paciente, recebido pelo Fêmima, o médico de Butiá informava que Lizete tinha três meses de gestação. O diretor do Fêmima acredita, pelo peso do bebê, que Lizete estaria no sexto mês.

Enquanto cuidava de Luiz Oscar, Lizete foi chamada às pressas pela conselheira para atender Fernanda, que havia piorado. Como o Hospital de Butiá exige acompanhante permanente, Lizete ficou ao lado da filha. Por volta da meia-noite daquela sexta-feira, sentiu-se mal, foi ao banheiro e descobriu que estava com hemorragia. Às 2h de sábado, chegou em casa sangrando muito. Acabava de caminhar os dois quilômetros que separam o hospital da casinha alugada na Vila Julieta. Disse a Antonio que pediu socorro no hospital, mas que não a ajudaram. Em lugar de assistência, contou que recebeu apenas uma outra calça e uma camiseta para botar entre as pernas. Deitou-se e disse ao marido que fosse ao hospital porque a menina não podia ficar sozinha.

Ao amanhecer, Antonio voltou para casa. Lizete só gemia. Apavorado, pediu a um vizinho que lhe desse uma carona até o hospital porque a mulher não conseguia caminhar. No hospital, Antonio conta que o médico olhou e disse:

– Isso não é comigo. Tem de ir a Porto Alegre.

Como a ambulância demorava, Antonio ameaçou:

– Vocês vão deixar ela morrer só porque eu sou moreno? Se demorarem mais um pouco, eu vou chamar a polícia.

Às 12h33, a ambulância de Butiá descarregou Antonio e Lizete no pátio do Hospital Fêmina, onde foi constatado o descolamento prematuro de placenta. Ela já estava anêmica devido à prolongada hemorragia. O bebê ainda estava vivo. Às 13h15 foi feita a cesariana. O coração da menina de 960 gramas já havia parado de bater, vencido pela asfixia.

O estado de Lizete era gravíssimo. Devido à demora no atendimento, ela estava com o que se chama de coagulopatia de consumo – todos os elementos que atuam na coagulação migram para o local da hemorragia, deixando a descoberto os outros órgãos do corpo, inclusive o cérebro. No dia seguinte, domingo, 20, ela foi transferida ao Hospital Conceição porque precisava de uma UTI. No dia 23, foi levada ao Cristo Redentor, especializado em neurocirurgia. Uma tomografia revelou edema cerebral intenso e hipertensão endocraniana. No dia 25, entrou em coma. Morreu às 9h20min do último domingo, na UTI do Cristo Redentor.

O descolamento prematuro de placenta é um problema grave na gestação, mas faz parte da rotina das maternidades.

– Quanto mais cedo se faz a cesariana, maiores são as chances da mãe e da criança. Se a intervenção é imediata, as chances de sucesso são de 100%. No caso da Lizete, fizemos o que podíamos, mas ela chegou aqui tarde demais – afirma o diretor do Fêmina.

Bebês prematuros também fazem parte do cotidiano das maternidades. No Fêmina, se consegue salvar bebês com mais de 600 gramas. O bebê de Antonio e Lizete pesava 960 gramas. Morreu por asfixia porque a cesariana foi feita tarde demais.

Claudio Netto Sampaio, administrador do Hospital de Butiá, instituição sustentada por uma fundação municipal, disse ontem que desconhecia o caso. O chefe do plantão do hospital, José Antônio Sarávia, ouviu os funcionários envolvidos na tarde de ontem, depois de procurado por Zero Hora:

– Pelo que me contaram, Lizete disse às funcionárias que estava menstruada e por isso vestiu uma roupa do hospital. Foi embora e, quando o marido chegou para cuidar da menina, disse que ela tinha abortado, o que causou estranheza nas enfermeiras. No dia seguinte, o médico diagnosticou aborto incompleto e a enviou a Porto Alegre para fazer a curetagem, já que não temos como fazer. É isso o que eu posso dizer no momento.

O Hospital de Butiá, conforme Sarávia, tem todo o equipamento para realizar cesarianas, mas não as faz por falta de verbas. O plantão médico de urgência está entrando no terceiro mês sem pagamento. A situação foi definida por Sarávia como “calamitosa”.

Um dia depois de sepultar a mulher, sete dias após o enterro da filha, Antonio balbuciou outra frase solitária. Dessa vez um desejo:

– Eu espero nunca mais precisar pedir socorro em hospital.

## EPÍLOGO

Lizete foi enterrada em Butiá na manhã de segunda-feira. Na terça, Antonio preparava um arroz com linguiça para os dois filhos sadios no casebre alugado e agora vazio. No armário meio capenga, duas contas de luz atrasadas e um aviso de corte. Puxando um carrinho de plástico, Bruno, de três anos, pedia pela mãe. Fernando, de oito, ajudava o pai em silêncio. No Hospital de Butiá, Fernanda tinha alta, mas não se sabia para onde levá-la. A conselheira tutelar tentava evitar que fosse enviada para a unidade especial da Febem. Em Porto Alegre, no Hospital Santo Antônio, Luiz Oscar respirava com a ajuda de um tubo de oxigênio. Na próxima segunda-feira, Antonio voltará a descascar eucaliptos para viver. Antes de perder a consciência, Lizete agarrou a sua mão e fez com que promettesse que manteria os filhos unidos.

[1º de julho de 1999]





## O dia em que adail voou

Lembram do Adail? O carregador de malas do Aeroporto Salgado Filho? Voou.

Em 12 de junho, Adail José da Silva contou em *A vida que ninguém vê* que passou 36 anos carregando as malas dos passageiros, mas nunca conseguiu voar. A distância entre ele e o avião era de passos, mas uma vida inteira não havia sido suficiente para vencê-la. Adail queria voar até Aparecida do Norte (SP), onde devia uma promessa à santa. Quinze anos atrás, Nossa Senhora tinha curado sua perna doente. Em troca, Adail lhe devia um carpim. Mas o tempo passava, a dívida ia pesando, porque não há credor mais rigoroso que santo, e nada de Adail arranjar um jeito de acertar o débito. O pessoal da TAM leu a história do homem que queria voar e decidiu patrocinar o sonho de Adail. Foi assim que o carregador, depois de uma vida inteira sem sair do chão, voou. Na última quarta-feira, dia 14 de julho, data que, se não ficar na história da aviação, na de Adail com certeza está lá, marcada como o dia em que ele chegou ao céu.

Nunca houve uma noite mais comprida. Adail e a esposa, Maria Cedir, tinham dormido tarde. Metade do bairro Fátima, de Canoas, havia dado uma passadinha na casa deles. Não havia quem não tivesse uma encomenda para a padroeira do Brasil. Depois, cadê os nervos para conseguir dormir? De minuto em minuto, lá estava Adail ligando o rádio para confirmar o horário. Quando não era ele, era Cedir que arregalava os olhos no meio da noite. Às 5h50, finalmente, Adail adentrou no aeroporto. Pela primeira vez em 36 anos, estava à paisana.

Tanta era a elegância que os colegas quase não o reconheceram. Chapéu preto, um terno que havia usado no casamento de uma sobrinha anos atrás e o sapato quase novo. Ele, Cedir – que até aniversário fazia naquele dia – e uma sacola de viagem. Dentro, um par de pijamas, para o caso de terem de passar a noite em algum ponto remoto do Brasil, as encomendas dos vizinhos – fotografias, fitinhas, velas... – e o mais importante: um pacotinho com o carpim cor da pele que Adail guardou por mais de uma década para pagar a dívida com a santa.

Adail nem falava. Só ria. Embarcou no avião ciceroneado pelo representante da TAM em Porto Alegre, Marco Antonio da Silva, que acompanhou o casal até o final da viagem. Sentou-se no corredor. E assim como sentou, ficou. Teso, mãos cruzadas sobre o colo, olhando fixo para a frente. Primeiro, pensou: “Bah, vai cair essa droga!” Em seguida, tratou de se garantir: “Nossa Senhora, proteja minha arrancada da terra!” E rezou uma Ave-Maria e um Pai-Nosso ligeirinho. Quando o avião decolou, às 7h, deu uma fechada nos olhos:

– Bah, me deu um choque aquela coisa saindo do chão. Um frio na barriga, um mal-estar. Dei só uma olhada geral e me concentrei. Quando vi, tava voando. Que coisa que não tem explicação esse negócio de avião!

Nem café Adail quis tomar. Não queria que ninguém, nem mesmo Cedir, o tivesse para ele. Por dois motivos: o primeiro era o tal do frio na barriga. O

segundo era um freguês numa poltrona mais à frente:

– Se me visse, ele ia gritar de lá: “Ô, negão, o que tá fazendo aqui?”

Lá pelas tantas, Cedir, muito mais despachada, apontou lá para baixo:

– Olha lá, Adail, que cidade bonita!

Ao que ele se arriscou a dar uma espiadinha e corrigiu:

– Não é cidade, mulher, são as nuvens!

Chegou ao Aeroporto Internacional de Guarulhos (SP) – uma “côsa de louco” – se apresentando aos colegas.

– Prazer, Adail. Trabalho lá no Rio Grande, é a primeira vez que ando de avião.

Autêntico como poucos, cada vez menos, chamou os diretores da TAM, que o receberam com toda a pompa, de “gurizada”. Afinal de contas, quando Adail entrou no ramo da aviação, a TAM nem tinha nascido. Para Aparecida do Norte, a 170 quilômetros da capital paulista, foi em táxi especial. E anunciou para o motorista:

– Pra mim, isso aqui é a Europa!

Quando a basílica de Nossa Senhora Aparecida despontou, Adail não se conteve. Já tinha chegado muito mais longe:

– Tamo em outro mundo!

Cedir se arrepiou toda. Adail, segundo o próprio, ficou “meio abobado”. Até a santa deve ter chorado com a cena. Adail e a mulher, paralisados no meio da catedral, com os braços levantados e os olhos vertendo água. A sacolinha com o carfim numa mão, terços na outra, máquina fotográfica pendurada no braço.

– Nem tô acreditando que tô aqui – disse Adail para Cedir.

– Então, pisa no chão, homem, porque tu tá mesmo – garantiu a esposa.

Finalmente, depois de 15 anos, Adail encarou Nossa Senhora Aparecida e acertou as contas:

– Lhe agradeço, Nossa Senhora Aparecida, por ter curado o meu pé. Agora até já ando. Não tinha podido vir, mas agora consegui. Apareci.

Adail deixou a catedral sem dívidas. E Nossa Senhora Aparecida ganhou um discreto par de carpins usados.

De volta a São Paulo, a sacola lotada de medalhinhas, terços e imagens para a família, Adail tinha uns olhos de bolita:

– Quanto túnel! Quanto viaduto!

E contou ao motorista, que não parava de se exibir com as avenidas da pauliceia:

– Lá em Porto Alegre a gente também tem uma avenida. A Ipiranga!

Esperando o voo na sala da TAM, em Congonhas, Cedir cutucou o marido:

– Viajamos hoje o que não viajamos na nossa vida inteira. Como é boa a vida de rico, né, Adail?

Muito espantado com a “grã-finagem”, Adail desabafou:

– Nunca pensei em chegar a São Paulo. Cheguei. Paguei a Aparecida. Conheci dois aeroportos. Tudo num dia só. E tudo no meio dos burguês!

Voltou a Porto Alegre em um Airbus da TAM estalando de novo. E o principal, na primeira classe. Só não pôde tomar nem o champanha nem o “uisquinho” porque a médica, consultada antes da viagem, proibiu. Mas

cervejinha com castanhas, ah, isso ele não perdeu.

Desta vez, Adail sentou na janela. Não é muito manso com as letras, mas abriu o jornal e não deu nem as horas para o povo que seguia roxo de inveja para a classe econômica. Coisa de doutor, sabe como é.

Lá pelas tantas, depois de ter visitado a cabine do comandante e a mais de 30 mil pés de altura, não se aguentou:

– Não é que o negão saiu lá do meio do mato e avoou?!

E concluiu, com um sorriso que só ele no mundo tem:

– Cheguei ao topo da parada da glória!

Quando desembarcou em Porto Alegre, às 20h05, Adail até parecia o mesmo homem. Mas não era. Nunca mais seria. O voo tinha acabado, o “dia de doutor” também. Mas as asas, essas ninguém tiraria dele.

**[16 de julho de 1999]**

## Posfácio

### Humanos anônimos

Essa gente estranha, os repórteres, que vive de escrever sobre a vida dos outros, tem muita dificuldade para falar da própria. Como sempre tive curiosidade em conhecer quem são as pessoas por trás das matérias que leio nos jornais e nas revistas, quando me convidaram para escrever este texto sobre o novo livro da Eliane Brum, não perdi a chance: solicitei logo uma entrevista com a autora.

Assim, embora tenha trabalhado com ela por um ano e pouco na mesma redação, vizinhos de mesa na revista *Época*, não tinha a menor ideia de quem era fora do trabalho aquela figura aparentemente frágil, dona de um texto original e vigoroso, uma incansável caçadora de histórias que se especializou em contar a vida de humanos anônimos.

Vamos começar do começo, propus-lhe, ao nos encontrarmos na barulhenta varanda de um café paulistano bem no meio da *happy hour*, o que deixou Eliane mais envergonhada do que de costume, sorrindo meio de lado, pois o alarido a obrigava a falar alto sobre a sua própria vida – ou seja, *A vida que ninguém vê*. É sempre meio esquisito um repórter entrevistar o outro e, no caso dela, mais ainda, já que Eliane parece se esconder da própria sombra, o avesso dos jornalistas autorreferentes destes tempos de egos inflados na imprensa nativa.

Como se estivesse falando de outra pessoa, vai buscar suas origens em Ijuí, no noroeste gaúcho, conhecida como a “capital das etnias”. Lá aportaram os Brum (na época ainda eram Brun com “n”) que vieram da região de Udine, na Itália, no final do século 19, depois que um irmão do bisavô Antônio morreu estrangulado porque as ovelhas que pastoreava invadiram o terreno de um vizinho.

Os avós dos dois lados eram colonos, o paterno plantava erva-mate e o materno, um pouco de tudo. Argemiro, o pai, é o caçula de uma família de oito irmãos vivos e quatro mortos. Órfão de pai e mãe ainda adolescente, foi o primeiro a seguir nos estudos até se formar na faculdade. Para poder estudar, fazia limpeza no colégio; autor de livros sobre História Econômica do Brasil e professor há 57 anos, é um dos fundadores da Universidade de Ijuí (Unijui). Vanyr, a mãe, formada em Pedagogia e Letras, é professora aposentada e continua fazendo os melhores doces da região.

“Foi mágico”, resume Eliane, com os olhos brilhando, ao falar de quando aprendeu a ler, e logo descobriu os livros. Com sete anos, passava o dia todo em seu quarto, trancada, lendo. Não saía nem para comer. Chegava a ler cinco livros por dia. Aos dez, já tinha lido toda a *Biblioteca das Moças*, a obra completa de Monteiro Lobato e até a coleção inteira de José de Alencar, algo que só se costumava fazer naquele tempo, por obrigação, na escola.

De tanto ler, começou a escrever, a princípio apenas poesias. Argemiro

gostou tanto do que viu que resolveu editá-las em livro e assim Eliane fez sua precoce estreia na literatura com *Gotas da Infância*. Antes, havia escrito *Autobiografia de uma barata*, um “romancezinho”, ainda inédito. “Ainda bem!...”, desdenha da obra, que escreveu para expiar a culpa por ter assassinado um filhote de barata.

Com 15 anos, engravidou de Maíra, sua única filha – tudo na vida dela haveria de começar bem cedo. Chegou a comprar enxoval e tudo, mas não quis se casar nem morar com o pai da menina. Mãe solteira numa cidade conservadora, Eliane sorri ao lembrar que, de uma hora para outra, passou “de vítima a puta”.

Um belo dia, enquanto seus pais faziam a sesta, deixou um bilhete e a filha com eles, e foi-se embora para Porto Alegre morar na casa de parentes, sem ter a menor ideia do que pretendia fazer da vida. “Eu fugi de casa porque não queria casar e ficar em Ijuí. Sempre sonhei em conhecer o mundo. Foi o ato irresponsável mais lúcido da minha vida.” Quando se formou em Jornalismo, quatro anos depois, ela resgatou a Maíra e, desde então, as duas têm vivido uma longa série de aventuras.

Adolescente, Eliane sonhava em ser astrônoma – “queria ver as estrelas”. Desistiu logo ao saber que para isso tinha que “saber muita matemática”. O pai queria que ela estudasse Letras, mas ela inscreveu-se no vestibular para Biologia. Como acontece com muita gente que não consegue descobrir qual é, afinal, sua vocação, acabou cursando Jornalismo junto com História.

Até então, seu único contato com a futura carreira tinha sido como leitora preguiçosa do *Correio do Povo*, tradicional jornal gaúcho que seu pai assinava. E não gostava do que lia. Achava jornal, em geral, “muito chato”. Preferia os livros. Mesmo já na faculdade, pensava que não servia para ser jornalista. “Gosto de olhar, mas não gosto de falar. Gosto de ser invisível.”

Seu gosto pela profissão surgiu apenas no último semestre da Faculdade de Jornalismo da PUC, quando conheceu o professor Marques Leonam. “Eu só sou jornalista por causa dele. São os acasos que mudam tudo na tua vida, detalhes que acontecem e poderiam não acontecer.”

Com Leonam, Eliane aprendeu mais do que técnicas de redação. Descobriu a paixão pelo ofício de contar histórias – e logo a primeira que escreveu durante o estágio que fez com ele lhe deu o primeiro dos muitos prêmios que colecionaria ao longo da carreira.

“Esperando na fila da existência” foi o título do seu trabalho escolar sobre as filas que um cidadão enfrenta desde que nasce até morrer. Uma amiga de Eliane inscreveu o texto num concurso universitário das faculdades de Jornalismo da região Sul. O prêmio era um estágio na Zero Hora, onde ela entrou em 1988. Só sairia de lá em 2000 para trabalhar na revista *Época*, a convite de Augusto Nunes, que tinha sido seu diretor no jornal gaúcho.

Escalada para cobrir a inauguração do primeiro McDonald’s de Porto Alegre, na praça da Alfândega, já em sua estreia no jornal Eliane encontrou o filão que a diferenciaria dos outros repórteres. Em vez de fazer o registro

burocrático habitual, ela puxou conversa com os aposentados que frequentam a praça. Acabou escrevendo um texto sobre o estranhamento entre a recém-chegada modernidade *fast-food* e os personagens de um tempo passado.

Eliane procurava fugir da vala comum da pauta, cavando suas próprias histórias em quebradas escondidas da mídia onde descobriria personagens e assuntos que não estão nas agendas das redações – do solitário enterro de pobre à toca do colecionador das sobras da cidade, do carregador de malas no aeroporto que nunca voou ao cantor cego que inferniza a vizinhança anunciando a megasena acumulada.

O seu jeito de escrever reportagens em forma de crônica, e vice-versa, que lhe renderam os textos deste livro e o Prêmio Esso regional de 1999, vem desde a época de estagiária, quando a escalaram para sair com um velho e malvado repórter de polícia disposto a torturar aquela foca tímida. Depois de passar o dia vendo cadáveres, que era obrigada a tocar pelo colega sádico, à noite ela não aguentou mais, e desmaiou ao ver uma mulher entrando no pronto-socorro carregando o filho todo ensanguentado.

Repórter de geral e de polícia, como quase todos nós somos no início da carreira, a rotina só seria quebrada no dia em que resolveu escrever um texto carregado de ironia sobre os bastidores do Il Gattopardo, o restaurante mais chique da cidade na época, frequentado pelos amigos dos donos do jornal. Esses eram conhecidos até demais...

“Deu a maior confusão, mas pelo menos perceberam que eu existia”, recorda com jeito de menina que aprontou uma estripulia, mas que acabou se dando bem. Passou a receber missões especiais de Augusto Nunes, o diretor de redação da Zero Hora que sempre deu a maior força ao trabalho dos repórteres, especialmente os que têm iniciativa, fogem dos lugares-comuns e escrevem com a alma, o que é cada vez mais raro.

O diretor e a repórter sabiam que aquela era uma empreitada de alto risco: refazer a marcha da histórica Coluna Prestes, saindo de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, para percorrer 25 mil quilômetros até San Matias, na Bolívia. Aos 26 anos, Eliane era apaixonada pelo tema, mas não tinha ideia de como fazer a matéria, apenas um objetivo definido: ouvir a história do povo que vivia no caminho da marcha e recolher as lembranças dos mais velhos.

Até Anita Leocádia, a filha de Luiz Carlos Prestes com Olga Benário, tentou desencorajá-la da ideia de refazer a marcha. “Ela me falou que eu só iria encontrar no caminho uns velhinhos gagás, que não lembravam mais de nada, e se propôs a me dar uma entrevista exclusiva sobre a Coluna Prestes.” Eliane não tem vergonha de contar que chegou a ficar com medo diante do tamanho do desafio, até ficou doente, mas foi adiante.

Ao final de 44 dias de viagem, voltou para a redação trazendo na bagagem uma história bem diferente daquela que aprendeu nos livros de escola. Trouxe depoimentos de vidas arrasadas, miséria, violência, desesperança. “A Coluna foi um mito. Por onde ela andou, a maioria das pessoas viveu pior depois da sua passagem.”

A série de reportagens só seria publicada em caderno especial do jornal um ano depois de escrita e renderia muitas críticas à autora, além de uma menção honrosa do Prêmio Vladimir Herzog e um novo livro (*Coluna Prestes – O Avesso da Lenda*).

Recordações doces e amargas se misturam neste café do fim de tarde em que a autora do livro que você acabou de ler ficou do outro lado do balcão da vida, falando um pouco da história dela em vez de só fazer perguntas aos outros. “Eu quase fui trucidada, mas, em 1999, quando foram abertos os arquivos da Fundação Getúlio Vargas, com as correspondências dos comandantes da Coluna, ficou provado que uma história batia com a outra.”

Quando perguntados sobre qual nossa melhor reportagem, costumamos dizer que é a próxima. Nunca estamos satisfeitos com o que já escrevemos. No caso de Eliane Brum, para contar sua melhor história, ela nem precisaria ter saído de casa. Bastava ouvir as lembranças da família que o pai Argemiro, aos 76 anos, guarda com precisão, e juntar com as que ela própria recolheu da sua trajetória de vida, digamos assim, pouco convencional.

Ao me enviar “breve mensagem” para complementar ou corrigir informações que me deu durante nossa conversa, a moça que não gosta de falar de si mesma se desculpa por não saber escrever pouco, e quase acaba escrevendo outro livro sobre *A vida que ninguém vê*, a dela. Para quem duvida do que escrevi acima, não resisto a transcrever pelo menos um trecho:

*A família da minha avó materna (Vitalina Bonetti Jacomini) é um caso à parte. Minha avó sempre teve um lado transgressor escondido por camadas de santidade e melancolia. Quando dormia lá em casa ou eu na dela, ela me contava todas as histórias de Pedro Malazarte. Repetidas vezes. Eu sabia de cor e ria sempre. Quando eu adolescência, a gente fumava e bebia escondido na cozinha nas festas familiares. Ela vinha de uma família misteriosa, em que os mortos sempre voltavam e se instalavam nas casas dos parentes. Minha tia-avó Emy, uma carioca despachada, passava o tempo inteiro xingando meu tio-avó Graúna:*

*– Graúna, eu sempre te disse que não queria te ver depois de morto! Sai já daqui!*

*E dava umas chineladas no meu fantasmagórico tio-avó.*

*Parte da família gastou um pedaço da vida em busca de um tal tesouro dos Bonetti. Diz a lenda que um antepassado aventureiro, numa de suas andanças pelo mundo, se tornou amante de uma princesa africana. Quando uma revolução eclodiu, roubou o tesouro real e fugiu com ele. A fortuna estaria num banco em Londres e tenho um tio que já foi para a Europa três vezes tentar desenrolar essa história. Claro que não conseguiu. Minha avó morreu quando eu recém iniciava no jornalismo, o que sempre me deixou triste, porque ela ia adorar me encontrar na Zero Hora, que assinava e lia todo dia... Volta e meia nós conversamos... Quando estou triste ela sempre aparece para me contar umas histórias do Pedro Malazarte...*

De tanto ouvir essas histórias desde pequena, Eliane aprendeu a contá-las. Ao ler o que ela escreve hoje, ninguém mais poderá dizer que já não se produzem bons repórteres como antigamente. Vale a pena esperar pelos próximos capítulos.

**Ricardo Kotscho**

*Julho de 2006*



## Sobre a melhor profissão do mundo

### O olhar insubordinado

Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. Usando o clichê da reportagem, eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro – embora ache que essa seria uma história e tanto. O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. Esse é o encanto de *A vida que ninguém vê*: contar os dramas anônimos como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício de escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma *Odisseia*.

A proposta da coluna de crônicas-reportagens, construída no caminho, mais por intuição que por plano, era estimular um olhar que rompesse com o vício e o automatismo de se enxergar apenas a imagem dada, o que era do senso comum, o que fazia com que se acreditasse que a minha, a sua vida fossem bestas. A hipótese era a de que o nosso olhar fosse sendo cegado, confundido por uma espécie de catarata, causada por camadas de rotinas, decepções e anquilamentos, que nos impedisse de ver. Vemos o que todos veem e vemos o que nos programaram para ver. Era, com toda a pretensão que a vida merece, uma proposta de insurgência. Porque nada é mais transformador do que nos percebermos extraordinários – e não ordinários como toda a miopia do mundo nos leva a crer.

Essa elaboração é posterior. Eu só consigo ver *A vida que ninguém vê* porque vi o que havia de especial na coluna pelos olhos dos leitores. Comecei tateando, escrevendo sobre o que eu gostava, do jeito que eu gostava, com o olhar que era meu. Sem saber muito bem o que estava fazendo nem onde queria chegar. Foram os leitores que enxergaram a coluna e apontaram para onde eu estava olhando. Toda semana desembarcavam e-mails e cartas contando sobre vidas próprias, vidas de outros, desacontecimentos, não-fatos, antinotícias, anonimatos. Tudo absolutamente extraordinário.

Toda semana me alcançavam relatos que acabavam assim: “Descobri que a minha vida é especial. Mudou tudo.” Bastava o reconhecimento do outro, vindo de um lugar legitimado como uma página no jornal de sábado, para que músculos oculares atrofiados pela falta de uso voltassem a se exercitar para enxergar a própria vida de outros ângulos possíveis. Quem consegue olhar para a própria vida com generosidade torna-se capaz de alcançar a vida do outro. Olhar é um exercício cotidiano de resistência. Foi isso que os leitores disseram que eu disse a eles – e eu soube que era isso porque eles me contaram. Ao ver a minha escrita pelos olhos deles também eu me descobri extraordinariamente ordinária.

Anos atrás, em 1993, eu refiz a marcha da Coluna Prestes, 70 anos depois. Nela, entrevistei o povo do caminho – os brasileiros que viviam nos povoados e nas cidades por onde o exército rebelde passou nos anos 20, o povo que os revolucionários queriam salvar das garras do governo Arthur Bernardes e o povo que não sabia que queriam salvá-lo. O mergulho de 44 dias pelo Brasil profundo – e invisível – me atingiu com a força das revelações que mudam a vida. Comecei a compreender o país. E a amar seu povo não com o coração, mas com o fígado. Isso me transformou não em outra, mas em mais furiosamente eu mesma.

Em 1999, ao trilhar as ruas de Porto Alegre, pelas quais tantas vezes eu tinha andado, o desafio era pisar sobre as mesmas pedras, mas olhar de outro lugar. Não é um truque banal, é uma alteração de foco que se faz em apenas um segundo e uma inclinação de alguns centímetros do pescoço, mas que resulta avassaladora. Um exemplo. O mendigo da Rua da Praia, estatelado no chão, barriga sobre a laje, havia 30 anos. Não sei quantas vezes passei por ele com pena e culpa. *A vida que ninguém vê* me impôs – e não foi fácil – curvar o pescoço, me agachar e colocar meus olhos no mesmo plano dos olhos dele. Dessa posição de igualdade, pude enxergá-lo. Bastou olhar para baixo para que Sapo pudesse me contar como era olhar para cima.

Escolhi esses dois momentos – um em que precisei viajar 25 mil quilômetros e outro em que bastou mover o pescoço alguns centímetros – para mostrar que o olhar é o mesmo, é o que se recusa a enxergar apenas o que está programado, o que está na superfície. No primeiro caso, o que estava diante de mim para aplacar minha vontade de ver era a coluna mítica e o cavaleiro da esperança. No segundo, o mendigo que, quando reduzido apenas à miséria por uma retina viciada, em que a culpa é apenas a indiferença justificada, deixa de ser um igual. Em ambos os casos, ao romper com essa primeira camada enganadora, o que se encontra é não o herói, mas o homem – não o mendigo, mas o homem. Um milhão de vezes mais interessante e libertador.

Aqui faço um parênteses para o que se poderia chamar de a arte de olhar – ou uma campanha pela volta dos sapatos sujos. E o faço porque tenho a pretensão de que este livro seja lido nas faculdades de Jornalismo. Já é um clássico: Ricardo Kotscho, repórter que faz o posfácio deste livro, abismava-se com os colegas mais jovens que não desgrudavam da cadeira nem da redação e conheciam os entrevistados apenas pela voz no telefone. Cunhou o termo “reportagem externa”. O correspondente, no jornalismo, a “chuva molhada” ou “entrar pra dentro”. Ao mesmo tempo piada e denúncia de uma situação que arrancava os repórteres do único lugar em que deveriam estar – na rua.

Humberto Werneck, outro grande jornalista, conta essa história no posfácio do *Fama e Anonimato* – do papa do *new journalism*, o americano Gay Talese. “A um colega, intrigado ao vê-lo abancado, quase todo dia, numa cadeira de engraxate na Alameda Santos, Ricardo Kotscho explicou:

– É que eu preciso! Repórter que vai pra rua suja os sapatos.”

É isso. Se o telefone e a internet são invenções geniais, não há tecnologia

capaz de tornar obsoleto o encontro entre um repórter e seu personagem. Se isso acontece, é por distorção. Esse olhar que olha para ver, que se recusa a ser enganado pela banalidade e que desconfia do óbvio é o primeiro instrumento de trabalho do repórter. Só pode ser exercido sem a mediação de máquinas.

Não pretendo fazer aqui uma análise sobre as razões dessa mudança que faz com que muitos repórteres só vejam a vida – e os fatos, as pessoas – pela tela do computador. Só diria ainda que aqueles que se dobram à nova regra não-escrita são tão facilmente substituíveis – porque descartáveis – quanto os componentes eletrônicos das máquinas que elegeram para intermediar seu olhar sobre o mundo. E os primeiros a ser deletados numa das cíclicas crises das empresas de comunicação – porque deletaram antes a sua singularidade.

Essa é uma época de incontinência verbal. Não sei se as pessoas falavam tanto assim antes. Sempre me surpreendo com a capacidade que muitos têm de preencher todo o tempo e o espaço com palavras, muitas vezes sem dizer nada. Sempre penso: o que aconteceria se por um momento elas silenciassem? Qual é a ameaça contida no silêncio? Ou qual é o som que não suportamos ouvir para precisar cobri-lo com o ruído ininterrupto de nossa voz? Vivemos com muito som e pouca fúria.

O jornalismo, em parte, tem sido vítima e cúmplice dessa verborragia, dessa excessiva valorização da palavra dita. O jornalista é reduzido a um compilador de monólogos, a um aplicador de aspas em série. Especialmente se só pode contar com palavras transmitidas por telefone ou por e-mail. Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que isso. O dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não-dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio.

Em janeiro de 2006, fiz uma experiência radical do olhar. Toco Lenzi, um dos grandes aventureiros do Brasil, me convidou para escrever um livro sobre a primeira parte de uma travessia. Ele vai trilhar o Saara, iniciando na Mauritânia e terminando na Tunísia – o vasto deserto entre o Atlântico e o Mediterrâneo. Sozinho, a pé, puxando um riquixá, uma espécie de carrinho de papelero, carregado com barraca, alimentos e água. Em janeiro, fiz os 600 quilômetros iniciais, na Mauritânia. Fiquei com ele os primeiros 20 dias. E tomei a decisão de me despir de tudo o que me dá uma sensação (em geral ilusória) de controle. Fiz o antijornalismo. Não li nada a respeito da Mauritânia nem do deserto, nem sobre a sobrevivência no deserto. Não planejei nada. Minha única preparação foi caminhar algumas vezes por semana no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, para não empatar o projeto com câimbras e contusões. Como não falo uma palavra de árabe e entendo mal o francês, eu só podia contar com o olhar para interpretar uma realidade inteiramente virgem para mim. Eu só podia contar com os meus cinco sentidos para explorar um mundo de estranhezas. Uma experiência de entrega quase total a uma África que, apesar de nossas raízes tão

próximas, fica tão longe. Voltei viva e, exceto por uma desidratação rápida, muito bem – com largos desertos dentro de mim que talvez nunca sejam preenchidos.

Olhar dá medo porque é risco. Se estivermos realmente decididos a enxergar não sabemos o que vamos ver. Quando saio da redação, tenho uma ideia de para onde devo olhar e o que pretendo buscar, mas é uma ideia aberta, suficiente apenas para partir. Tenho pena dos repórteres das teses prontas, que saem não com blocos, mas com planilhas para preencher aspas predeterminadas. Donos apenas da ilusão de que a vida pode ser domesticada, classificada e encaixotada em parágrafos seguros. Tudo o que somos de melhor é resultado do espanto. Como prescindir da possibilidade de se espantar? O melhor de ir para a rua espiar o mundo é que não sabemos o que vamos encontrar. Essa é a graça maior de ser repórter. (Essa é a graça maior de ser gente.)

Numa manhã de abril de 1993, bem cedo, o chefe de reportagem da Zero Hora, onde eu trabalhava na época, me mandou cobrir uma coletiva de imprensa na prefeitura de Porto Alegre. A pauta era tão fascinante que nem lembro do que se tratava. O carro me deixou em algum ponto do centro e eu precisava andar um ou dois quarteirões para chegar à prefeitura. No caminho, eu vi uma rodinha. Eu estava atrasada, mas nunca resisti a uma rodinha. Perguntando e empurrando um e outro cheguei lá na frente. Diante dos meus olhos espantadíssimos emergiu de um bueiro um menino, em seguida outro. Esqueci completamente da coletiva que nunca virou notícia. Os garotos haviam dormido demais e, ao subir à superfície bem depois de o sol nascer, surpreenderam a população ao revelar a natureza de sua moradia. Os meninos vivendo em esgotos ganharam a capa do jornal do dia seguinte e viraram matéria internacional. Se eu fosse uma burocrata da notícia – e não uma repórter –, eu teria ignorado a rodinha porque estava atrasada e teria voltado para a redação com uma nota de pé de página sobre algo como o último projeto da Secretaria de Obras do município. Se eu tivesse preferido recuperar a coletiva por telefone então...

Não lembro de nenhuma reportagem que não tivesse me dado medo. Sinto medo até hoje. Medo de não dar certo, medo de não ver nada, medo de não conseguir, medo. Tenho insônia e, quando durmo, pesadelos. Antes, durante, depois. Antes de eu refazer a marcha da Coluna Prestes, que era minha estreia na grande reportagem, tive tanto medo que cheguei a adoecer. Como nada do que acontece comigo pode ser pouco, faço o tipo dramático, achei que estava com os dias contados. Nada. Puro pavor. Mas fui, um pânico em forma de repórter, mas andando. E prefiro nem imaginar o que não seria a minha vida se tivesse desistido.

Medo é necessário, faz sentido. Só não dá para ter medo de ter medo, paralisar e deixar as histórias passarem sem encontrar quem as conte. Ficar escondido atrás de um computador, achando que o fato de escolher em que mundo virtual entrar, quando sair, quais e-mails responder e quais deletar é ter a

vida sob controle configura, talvez, a grande ilusão contemporânea. Por mais que você escolha não viver, a vida te agarra em alguma esquina. O melhor é logo se lambuzar nela, enfiar o pé na jaca, enlamear os sapatos. Se quiser um conselho, vá. Vá com medo, apesar do medo. Se atire. Se quiser outro, não há como viver sem pecado. Então, faça um favor a si mesmo: peque sempre pelo excesso.

Ser repórter é um dos grandes caminhos para entrar na vida (principalmente na alheia) com os dois pés e com estilo. Desde pequena, o que mais me fascinava era passar pelas casas e prédios de apartamentos (em Ijuí tinha dois), adivinhar a luz lá dentro e imaginar o que acontecia, que vidas eram aquelas, com o que sonhavam, que dramas tinham, o que as fazia rir. Pronto. Arranjei uma maneira de entrar em qualquer casa iluminada por dentro, mesmo que seja com uma vela. Ser repórter não tem preço. Em todos os sentidos.

Eu não gosto de heróis. De mitos, só os da Antiguidade. Não gosto porque não acredito, porque acho pobre, porque acho chato. Se de perto ninguém é normal, de perto ninguém é herói. Essa mania de mitificar gente, alçar fulano ou beltrano ao Olimpo porque supostamente fez algo sobre-humano, empata a vida. Faz com que os supostamente pobres mortais se sintam exatamente isso: pobres mortais. Ou *losers*, na expressão do que a cultura americana tem de pior.

Um ser humano, qualquer um, é infinitamente mais complexo e fascinante do que o mais celebrado herói. Mesmo os super, dos quadrinhos e do cinema, pode reparar: o Homem-Aranha só consegue duas horas de filme por causa do atrapalhado Peter Parker e até o Super-Homem, que veio de outro planeta, só tem atenção por conta de suas fraquezas bem terráqueas (ou quantas voltas ao redor da Terra ele precisaria dar até todo mundo roncar?). Inclusive demônios como o Hellboy só são interessantes pelo que têm de humano, da ternura ao mau humor.

Vou ao limite dos super-heróis para falar de uma obrigação de repórter. Meu professor de jornalismo, um baixinho-gigante chamado Marques Leonam, dizia: “Lei Leonam número um: repórter não tem o direito de ser ingênuo. Lei Leonam número dois: repórter não tem o direito de ser ingênuo...” Acho que ia até o número dez repetindo essa máxima leoniana. Eu faria alguns adendos a essa lei fundamental. Um deles é: desconfie dos heróis, dê uma boa cheirada num mito. Eles só se aproximam da verdade quando virados pelo avesso e promovidos a homens.

Esse, de novo, é o encanto de *A vida que ninguém vê*. Inverter essa lógica que nos afasta para mostrar que o Zé é Ulisses – e o Ulisses é Zé. Somos todos mais iguais do que gostaríamos. E, ao mesmo tempo, cada um é único, um padrão que não se repete no universo, especialíssimo. Nossa singularidade só pode ser reconhecida no universal. Tudo é um jeito de olhar. Você pode olhar para o infinito, como Carl Sagan, e descobrir que é feito da poeira de estrelas. E pode olhar para o chão e acreditar que é um cocô de cachorro. É o mesmo homem que tem diante de si o infinito e o chão. Mas é nessa decisão que cada um se define. Como olhar para você mesmo é uma escolha. Um exercício da liberdade, da autodeterminação, do livre-arbítrio. Seja generoso. Arrisque. Ouse.

Olhe.

**Eliane Brum**  
*Julho de 2006*

## Agradecimentos

### Agradeço

Ao meu pai, Argemiro, e a minha mãe, Vanyr, por terem me ensinado a amar os livros.

Ao meu professor, Marques Leonam, por ter me mostrado que o jornalismo é a melhor profissão do mundo.

A Simone Lopes, por ter inscrito minha primeira reportagem num prêmio e mudado meu destino.

Ao Augusto Nunes, por ter me dado duas das grandes chances da minha vida de jornalista.

Ao Marcelo Rech, por me oferecer o maior presente que um repórter pode ganhar – uma coluna sobre a vida cotidiana.

A minha amiga Rosane Tremea, por ter tanto respeito, carinho e cuidado na edição de *A vida que ninguém vê* em Zero Hora – e repetido toda essa dedicação na preparação do livro.

Ao Márcio Câmara, por diagramar páginas lindas para a coluna (e fingir que não percebia que eu escrevia o dobro do permitido pelo projeto gráfico do jornal).

Ao Mário Corso e à Miriam Chnaiderman, por terem me ajudado a enxergar a mim mesma.

Ao João, meu marido, por compreender o quanto ser repórter – e escrever – é parte essencial do que sou.

Ao Tito Montenegro, que me convidou para a primeira viagem rumo ao seu Arquipélago.

A todos os leitores da coluna *A vida que ninguém vê* que, com suas cartas, e-mails e telefonemas, me mostraram o que eu estava dizendo e para onde estava indo.





## Crédito das imagens

As imagens que ilustram este livro, originalmente publicadas no jornal Zero Hora, foram disponibilizadas pela Agência RBS de Notícias. Abaixo, os autores das fotografias e seus respectivos trabalhos:

Genaro Joner

Adail quer voar  
Enterro de pobre  
O colecionador das almas sobradas  
O conde decaído  
O menino do alto  
Eva contra as almas deformadas  
O exílio  
A voz  
O doce velhinho dos comerciais  
O dia em que Adail voou

Fernando Gomes

Um certo Geppe Coppini  
O cativoiro  
O sapo

José Doval

O encantador de cavalos  
O homem que come vidro

André Feltes

História de um olhar

Duda Pinto

O chorador

Elson Sempé Pedroso

Frida...

Emerson Souza

O gaúcho do cavalo de pau

Emílio Pedroso

Depois da filha, Antonio sepultou a mulher

Mauro Vieira

Dona Maria tem olhos brilhantes

Paulo Franken

Sinal fechado para Camila